



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNA GARCIA CATARINO

**REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO PRESENTES NO LIVRETO DA CTNP
(1930-1940): REPERCUSSÃO NA HISTORIOGRAFIA NORTE PARANAENSE**

Londrina
2016

BRUNA GARCIA CATARINO

**REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO PRESENTES NO LIVRETO DA CTNP
(1930-1940): REPERCUSSÕES NA HISTORIOGRAFIA NORTE PARANAENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
no curso de História da Universidade
Estadual de Londrina.

Prof.º Dr.º Wander de Lara Proença

Londrina
2016

BRUNA GARCIA CATARINO

**REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO PRESENTES NO LIVRETO DA CTNP
(1930-1940): REPERCUSSÕES NA HISTORIOGRAFIA NORTE PARANAENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
no curso de História da Universidade
Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^o Dr.^o Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof.^o Dr.^o Márcio Santos de Santana
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof.^o Dr.^o Edson Holtz Leme
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Londrina, _____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades durante toda a graduação e a realização deste trabalho, juntamente com a minha família.

A esta Universidade Estadual de Londrina, seu corpo docente e administração pelo ambiente criativo e amigável que proporciona e proporcionou, especialmente a Celina Negrão com suas informações e orientações para realizar as partes burocráticas da graduação. Aos professores em que tive a oportunidade de ser discente e que acrescentaram muito para a pessoa que sou hoje.

Ao meu orientador, Prof.^o Dr.^o Wander de Lara Proença, pelas correções, incentivos e na elaboração deste trabalho.

Agradeço a minha mãe, Maria Angela Garcia Catarino heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e que com sua dedicação como professora me influenciou a escolher a minha futura profissão, sendo exemplo que sigo.

Meus agradecimentos aos amigos, mas especialmente a Jhonatan, Raissa, Edylaine, Debora e Thais, companheiros de trabalhos e amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Muito obrigado a minha amiga Cristina Ribeiro dos Santos que me ajudou nas correções, nos momentos de interpretação das leituras e incentivo para que conseguisse finalizar este trabalho, sempre sendo muito disponível e presente.

Ao Museu Histórico de Cambé onde sou estagiária e fiz minha pesquisa para a fonte utilizada neste trabalho. Ao diretor Cesar Cortez que com suas informações me ajudou a direcionar o caminho a seguir dentro de minha pesquisa.

Aos amigos, Matheus Schröder e Cristiana Oliveira sempre preocupados em saber como estava o andamento de minha graduação.

E finalmente, gostaria de agradecer também a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da História e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a História. (SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA, 1996, p. 43)

CATARINO, Bruna Garcia. **Representações de progresso presentes no livreto da CTNP (1930-1940):** repercussões na historiografia norte paranaense. 2016. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco as representações de progresso presentes no livreto de propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná, datado de agosto de 1941, e suas repercussões na historiografia Norte Paranaense. Assim, a pesquisa tem em seu tempo e espaço a região Norte do Paraná, em específico Londrina, nas décadas de 1930 e 1940. Os livretos publicitários são uma ferramenta eficaz e de um poder de propagação expressiva. O livreto selecionado possui, em suas páginas, fotografias, mapas, dados e informações. Além disso, foi desmembrado pela CTNP e algumas partes foram alocadas em formato de propaganda no Jornal “Paraná Norte”. O problema que norteia esse trabalho consiste em investigar quais as representações de progresso presentes neste livreto da CTNP, e sua repercussão na historiografia Norte Paranaense – representações estas que, ainda hoje, estão impregnadas na memória coletiva, sendo uma simbiose entre o livreto em si e as produções bibliográficas posteriores. Esse trabalho ocasiona a exploração de uma fonte rica e pouco explorada em sua integridade. A metodologia utilizada foi a análise da fonte e a pesquisa bibliográfica de trabalhos historiográficos que abordam o tema. Tal material, rico e pouco explorado, aparece como uma fonte abastada e completa. Seu poder está principalmente na junção de imagem e palavras. Essa dinâmica propicia um discurso poderoso, que teve seu princípio e propagação, principalmente, na década de 1930, no Norte do Paraná. Conhecer a forma como esses autores puderam ter a possibilidade de trabalhar com seus temas se faz necessário, além de pontuar as interseções dessas pesquisas: a história regional, a propaganda e a colonização do Norte do Paraná.

Palavras-chave: Companhia de Terras Norte do Paraná. Representação de Progresso. Livreto de propaganda. Norte do Paraná.

CATARINO, Bruna Garcia. **Progress representations present in the booklet CTNP (1930-1940):** implications for North historiography Paraná. 62p. Monograph (History). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ABSTRACT

This research focuses in the progress representations existent in the Companhia de Terras Norte do Paraná's advertising booklet, dated August 1941 and its repercussion on historiography of the North of Paraná. Thus, this research takes time and space to the North of Paraná, in particular Londrina, in the 1930s and 1940s. The advertising booklets are an effective tool and have a significant spread power. This selected booklet has on its pages, photographs, maps, data and information. Such booklet was dismembered by CTNP, and selected parts were allocated in advertisement format in the newspaper "Paraná Norte". The issue that guides this work is to investigate what progress representations contained in this CTNP's booklet, and its repercussion on historiography of the North of Paraná, representations that even today are steeped in the collective memory, being a symbiosis between the booklet itself and the subsequent bibliographic productions. This work leads to the exploration of a rich and underexplored source in its fully. The methodology used was the analysis of source and bibliographic research of the historiographical works on the topic. Such material, rich and underexplored, appears as a wealthy and complete source. Its power is mostly at the junction of images and words. This dynamic provides a powerful speech, that had its beginning and propagation mainly in the 1930s in the North of Paraná. Knowing how these authors could be able to work with their subjects is needed, in addition to enumerate the intersections of these researches: the regional history, the advertising and the colonization in the North of Paraná.

Key Words: Companhia de Terras Norte do Paraná. Progress Representations. Advertising Booklets. North of Paraná.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REPRESENTAÇÕES DO NORTE DO PARANÁ: APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS	10
2.1	A REGIÃO NORTE DO NORTE DO PARANÁ SOB ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.....	10
2.2	Os Encartes de Propaganda Como Fonte de Interpretação do Passado Norte-Paranaense.....	17
2.3	A perspectiva regional na abordagem historiográfica.....	22
3	REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO DO NORTE DO PARANÁ NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940 PRESENTES NO LIVRETO	29
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Os livretos de propaganda são uma ferramenta eficaz e de um poder de propagação expressiva. Seu poder está principalmente na junção imagem e palavras. Essa dinâmica propicia um discurso poderoso, que teve seu princípio e propagação, principalmente, na década de 1930 no Norte do Paraná.

Tais panfletos são o reflexo de transformações e adequações de um discurso que foi pensado e avaliado pela companhia inglesa que adquiriu terras após a vinda da Missão Montagú ao Brasil¹.

O livreto produzido pela CTNP e publicado no ano de 1941 é a principal fonte documental desse estudo. Ele possui, em suas páginas, fotografias, mapa, dados e informações. Além disso, fragmentos do livreto foram alocadas em formato de propaganda no Jornal “Paraná Norte”.

O discurso da Companhia de Terras Norte do Paraná possui objetivos definidos sistematicamente e tem como característica principal o trabalho com o imagético. O discurso é carregado de símbolos que remetem o leitor a várias representações construídas em torno do progresso. Dentre essas representações, estão a “terra fértil”, “civilidade” e “desenvolvimento econômico”.

Ao analisar o conceito de discurso, Orlandi (1994, p. 56) afirma que “[...] não se trata de procurar ‘conteúdos’ ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos”.

Carvalho (1990) afirma que uma elaboração do imaginário com o discurso previamente pensado é importante para a legitimação, pois o imaginário não atinge só a cabeça, mas também o coração e, junto com ele, os medos e as esperanças de um povo. “É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivo, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.” (1990, p. 10).

Nos capítulos a seguir, serão tratados os elementos que compõem o tema estudado, construindo uma narrativa historiográfica sobre a colonização do Norte do Paraná e pontuando, a partir do respectivo livreto, a ideia de progresso naquele período e contexto, assim como a criação do discurso de progresso da CTNP e sua

¹ Missão Montagú: Visita feita por ingleses ao Brasil (não convidada pelo então presidente Artur Bernardes), que chegou ao País no dia 31 de dezembro de 1923, sendo organizada por bancos credores ingleses, para acertar problemas relacionados com as dívidas externas do Brasil.

disseminação através da criação dos livretos de propaganda. Por fim, serão analisadas as representações de progresso sobre o Norte do Paraná no livreto publicitário da companhia colonizadora e como as bibliografias em período posterior abordam esse tema.

O problema que norteia esse trabalho está sintetizado na questão: quais as representações de progresso presentes nesse livreto da CTNP e sua repercussão na historiografia Norte Paranaense? Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, cuja concretização realizar-se-á por intermédio de pesquisa bibliográfica e documental. Para melhor entendimento, delimitaremos o recorte temporal entre as décadas de 1930 a 1940 e definiremos a abordagem da pesquisa como bibliográfica, além da análise de livreto como fonte.

Portanto, no capítulo um, abordaremos as representações do Norte do Paraná e seus apontamentos teórico-metodológicos na historiografia. Assim, para se explorar as fontes propostas, se faz necessário, primeiramente, conhecer a forma como esses autores puderam ter a possibilidade de trabalhar com seus temas. O ponto de intersecção dessas pesquisas produzidas em diferentes anos e sob diferentes perspectivas históricas é a história regional. A propaganda, em específico, é a História regional do Norte do Paraná.

No segundo capítulo, estão em evidência as representações sobre o Norte do Paraná nas obras bibliográficas de base: Sônia Maria Sperandio Lopes Adum, com o seu estudo intitulado “Imagens do progresso: Civilização e barbárie em Londrina – 1930 / 1960”; Nelson Dácio Tomazi, com sua análise “Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias”; e José Miguel Arias Neto, com o título “O Eldorado: Representações da política em Londrina (1930-1975)”.

2 REPRESENTAÇÕES DO NORTE DO PARANÁ: APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS

Para se explorar os documentos propostos – as fontes de propaganda sobre o norte do Paraná, no período de colonização da região – se faz necessário, primeiramente, entender a forma como os autores de bibliografias que abordam a temática sobre a região norte do Paraná puderam ter a possibilidade de trabalhar com seus temas. O ponto de intersecção dessas pesquisas produzidas em diferentes anos e sob diferentes perspectivas históricas é a história regional, em específico, a História regional do Norte do Paraná.

2.1 A REGIÃO NORTE DO NORTE DO PARANÁ SOB ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Um processo rico, vertiginoso, que seduz autores desde sua origem. A própria história da região foi bem elaborada, repensada e reavaliada em diversas fontes e perspectivas, mas permanece como um tema sedutor. O processo de urbanização, no Norte do Paraná, se apresenta de várias formas, por diferentes contingentes e modificou a região politicamente, geograficamente e historicamente.

Forças ligadas em sua origem à concepção de trabalhar com uma terra devoluta² que não traz lucros e só há possibilidades de perdê-la, as investidas dos fazendeiros paulistas e a famosa “marcha do café”. Steca e Flores (2002) se referem a uma preocupação, por parte do Estado do Paraná, dessa ligação que a região norte tinha com São Paulo e seu porto. Há uma aproximação que não era bem-vista e observada com desconfiança no início do século XX:

A questão de fronteira entre São Paulo e Paraná sempre ocorreu em razão da dominação inicial da Primeira sobre a segunda Província [...]. A falta de comunicação da região em questão com o interior do Estado Paranaense e o fato de estar sendo colonizada por paulistas e mineiros, conferiu-lhe o *jeito paulista*, e o medo do *perigo paulista*, ou seja, o medo de a elite paranaense perder a região Norte Pioneira para São Paulo e, assim, ver diminuindo seu poder frente ao

² Terras devolutas são aquelas que pertencem ao Estado. Em 18 de setembro de 1850, durante o fim do período imperial brasileiro, foi aprovada a Lei de Terras devolutas, que aborda a necessidade a partir de então de uma comprovação da posse da propriedade da terra, que teria que ser através de documentação. Nos anos seguintes, foram criadas leis que transmitiam ao Estado o poder de decisão sobre estas terras.

crescimento da Região Norte. [...] Foi justamente com o objetivo de ligar essa região ao Porto de Paranaguá que projetos ferroviários começaram a ser construídos. (STECA; FLORES, 2002, p. 128-129).

Assim temos o início desse projeto, de grandes transformações que há muito tempo eram ensaiadas. Gilmar Arruda (1997, p.12) expõe a visão que, entre outros territórios, o norte do Paraná era entendido como “sertão” e, segundo o autor, era a contraposição com “Os marcos de referência [que] passaram a ser os da vida urbanizada”, entendida como “civilização”. Assim, o outro, o “sertão”, passou a ser considerado como “atrasado”, “violento”, “bárbaro”.

Arruda (1997, p. 13) nos proporciona uma visão:

[...] saltemos para os anos 40. Aquele espaço antes nomeado como “terrenos pouco explorados” foi ocupado por centenas de cidades e povoações. Em pouco mais de 30 anos os chamados “sertões” paulistas, ao norte do Paraná e sul do estado de Mato Grosso haviam sido “conquistados” por uma nova forma de ocupação.

Por essa ótica, nota-se que esse início do século para a região Norte do Paraná foi de efervescências, com enfrentamentos às “frentes pioneiras” que praticamente acabaram com a mata fechada. Amado (1995, p. 145), ao trabalhar as categorias de região, sertão e nação, acresce o seguinte comentário sobre a relação entre sertão e história:

Sertão’ é uma das categorias mais recorrente no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia. Está presente desde o século XVI, nos relatos dos curiosos, cronistas e viajantes que Visitaram o país e o descreveram, assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil.

A autora aponta, ainda, a ligação que essa palavra possuía com a literatura popular, como, por exemplo, a literatura de cordel e a literatura regionalista. São exemplo da chamada “geração de 1930”, segundo a autora, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado.

A palavra “Sertão” ocupa um lugar extremamente importante na literatura popular brasileira, na produção da História e ainda povoa os pensamentos da população do período. Amado (1995) ressalta que essa palavra esteve presente em

outras artes, infiltrando-se cada vez mais na sociedade através de pinturas, músicas e poemas.

Voltemos para as companhias, que juntamente com o Estado, e o avanço da marcha do café advindo de São Paulo, vão abrindo a mata, o “sertão” e inaugurando ou continuando uma História regional permeada de nuances. “De terrenos pouco explorados no início do século, tornaram-se mapeados, reconhecidos, nomeados e cartografados.” (ARRUDA, 1997, p.13.).

Segundo Arruda (1997), essa preocupação, esse esforço de atualizar o Brasil e colocá-lo em consonância com elementos externos, advindo de nações europeias e dos Estados Unidos, vem da transição, o fim do império e a proclamação da república (1889), que trouxeram um desejo de transformações nesses “sertões” e sua ocupação, que resolvia uma questão cara a este período: a integridade do território nacional. Dessa forma, foram abertas as portas para questões como avanço da civilização, progresso, entre outros discursos.

Essa região denominada Norte do Paraná possui um espaço geográfico delimitado e redelimitado historicamente. Foi considerado, entre Norte Velho ou pioneiro, onde se iniciaram as investidas de ocupação, Norte, Norte Novo e Norte Novíssimo. Cada qual serpenteando a história, a forma de colonização de divisões de terras e, em alguns casos, as companhias Colonizadoras.

Tivemos a atuação nessa região de diferentes empresas colonizadoras: “Estas são empresas privadas que surgem a partir do século XX e têm o objetivo de organizar e ditar os parâmetros das novas ocupações de extensa porção do território centro-sul”. (MENDONÇA, 2010, p.01).

O ritmo de vida acelerado que vivenciava grande parte da população mundial possuía, em seu cerne, alguns pontos que refletiam no Brasil e, em especial, no Paraná. O Paraná, no início do século XX, ainda apresentava matas virgens e uma natureza selvagem em algumas regiões, o que atraía cada vez mais as companhias colonizadoras. Mas a aceleração da vida, da economia, do café e a busca de novas formas de se enriquecer não deixariam a situação como estava. Ao estudarmos a História regional do Norte do Paraná, nos deparamos com uma ação que era incentivada pelo Estado e pelo governo federal.

Essa região está entre outras que tiveram em grande ebulição nesse período. Palavras como “progresso” e “civilização” são o estandarte dessa agitação. Temos companhias colonizadoras, o Estado e os fazendeiros de São Paulo

ampliando suas terras, ou seja, todos em processo de mudança e atraindo os olhares do mundo.

As cidades criadas pelas Companhias não se vinculam mais diretamente a um grande fazendeiro como na primeira fase do ciclo cafeeiro e, sim, são terras adquiridas por empresa ou grupo de particulares. Estas assumem a responsabilidade pelo parcelamento e venda e se ocupam tanto pela área urbana como rural. Uma das principais mudanças que trazem à região pioneira é a não viabilidade de manutenção das grandes propriedades, tomando força seu retalhamento em pequenas glebas. (MENDONÇA, 2010, p.05)

Dessa forma, essa região exercia uma atração sobre essas companhias. Como, por exemplo, a Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, que teve uma investida em terras no Norte Paranaense, porém, com problemas, acabou por perder a oportunidade “[...] ao considerar que o prazo para a colonização havia expirado, retirou-as da Companhia Marcondes e transferiu-as para uma companhia inglesa” (STECA; FLORES, 2002, p.134).

Em seu lugar, assume a CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná, uma subsidiária da Paraná Plantation Ltda Nesse sentido, Oberdiek (1989, p.33) comenta sobre o processo de colonização do Norte do Paraná afirmando que o “[...] processo não foi uma simples continuidade da expansão da cultura do café do Estado de São Paulo.” Em contrapartida, o Norte Velho possui essa origem, segundo o autor, uma expansão continuada e não uma ação de companhia.

Anteriormente, temos uma companhia inglesa que adquiriu terras iniciadas na margem do rio Tibagi. Essa região é conhecida como Norte Novo. Mendonça (2010, p.07) expõe a ocupação das regiões adjacentes:

Quanto à presença de ocupações no norte paranaense, anteriores a CTNP, vale trazer à tona alguns dados. O chamado *Norte Pioneiro*, localizado na porção mais próxima à divisa com São Paulo, é ocupado desde o começo do século, por cidades como: Cambará, Jacarezinho, Bandeirantes, etc. A Colônia Militar de Jatahy, criada em 1855, atual município de Jataizinho, também já se encontra ali estabelecida. A cidade de Primeiro de Maio é decorrente da venda de gleba pelo governo do Estado à *Empresa Colonizadora Cesar Corain e Cia* em 1925.

O referido autor nos evidencia ainda outras empresas que se aventuraram nessas terras durante esse período de efervescência:

Uraí, fundada em 1936, possuía o nome de Pirianito e foi projetada pela *Companhia NombeiTochi Kabassahiki Kaisha*. A atual Assaí, antiga Colônia Três Barras, foi instalada em 1928 pela *BRATAC - Sociedade Colonizadora do Brasil*, também responsável pela cidade de Registro no Estado de São Paulo. Posteriormente, a *Maripá Land Company* (MLC) proporciona outras experiências no território. Bem além, em direção oeste às terras da CTNP, mais próximo à divisa com o vizinho Paraguai, cria, entre outras, as cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon. (MENDONÇA, 2010, p.14)

Podemos perceber a atuação do governo do Estado, que destinava áreas a outras Companhias Colonizadoras. O rápido desmatamento e ocupação e a geração de produção dessas terras eram percebidos como o avanço de progresso da região.

Esse processo atraiu, inclusive, Claude Lévi-Strauss (1908-2009), ao visitar a região em 1935, que produziu um relato sobre o território norte paranaense muito importante em seu livro *Tristes Trópicos*. Descreve, com propriedade, a região, citando nomes como São Jerônimo da Serra e “Londrina, Nova Dantzig, Rolândia e Arapongas nascidas da decisão de um grupo de engenheiros e de financistas [...]” (LEVI-STRAUSS, 1957, p.126).

Lévi-Strauss (1957) conheceu toda a região Norte do Estado do Paraná, que ele intitula como “zona pioneira”, e expõe as suas características principais, tais como o afastamento progressivo do trópico, a origem vulcânica do solo, a mistura de “[...] restos de populações indígenas ainda próximos dos centros civilizados e as formas mais modernas da colonização do interior. Foi a essa zona do norte do Paraná que dirigi as minhas primeiras excursões. [...]” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p.121).

Essa “forma moderna de colonização”, apontada por Lévi-Strauss (1957), nos remete às Companhias de Colonização e, como essa pesquisa se vincula com a produção intelectual da região conhecida como Norte Novo, temos que apontar a atuação em específico da CTNP com seus construtores, engenheiros e empreiteiros.

Pontuar o início desse projeto é importante. Há alguns pontos evidentes e, um deles, é a vinda da Missão Montagu, de cunho econômico:

Em 1924, Lord Lovat, que havia promovido a colonização agrícola na Austrália e na África, e integrante da Missão Montagu, veio à região Norte do Paraná, contratando, em 1925, com o governo do Estado do Paraná, a aquisição de cerca de 515.000 alqueires das melhores terras, situadas entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. Estas

terras já eram disputadas por antigos concessionários e posseiros, a quem a Companhia compraria antes os títulos discutidos e as posses contestadas. Com este ato, configurar-se-ia a primeira e mais importante dose de poder atribuída a Companhia de Terras Norte do Paraná: o monopólio da terra, o monopólio de 515.000 alqueires das melhores terras do Estado. (ADUM, 1991, p.121)

Sônia Adum (1991) aponta que, após essa etapa de aquisição das terras, o próximo passo desses engenheiros, investidores, construtores e empreiteiros foi no sentido de “limpeza das terras” de posseiros de antigas concessões dos anos 20. Para tal afirmação, a autora cita um texto de Craig Smith, o qual revela que a “[...] primeira medida do agente civilizador foi no sentido de ordenar a propriedade da terra, tendo em vista a segurança necessária para adicionar o desenvolvimento do Estado do Paraná”. (ADUM, 1991, p.123).

Assim, segundo esse texto, uma força policial particular que resolvia questões de insistência desses “não convidados” a permanecer nas terras foi constituída. “Terras adquiridas e limpas, restava agora transformar o sertão bruto em civilização.” (ADUM, 1991, p.123).

Temos, nessa etapa, a materialização de um projeto de deslocamento de pessoas e mercadorias nas terras, e um dos elementos principais é o próprio símbolo do progresso: o trem. Steca e Flores (2002, p.22) observam que a ferrovia foi “[...] responsável pela integração social e econômica da região, com o resto do Estado e do país [...]”.

Na malha ferroviária e nas estradas de rodagem com sua extensa rede e suas catitas circulavam não só as pessoas e as mercadorias, mas também as ideias. A comunicação com outros centros era importante dentro desse projeto. Com esse fato, é possível perceber a importância que a Companhia relega a essa integração a partir do próprio mapa da divisão das terras e suas ligações.

Oberdiek (1989, p. 08), na sua tese “A imigração judaico- alemã no Norte do Paraná: o caso de Rolândia”, analisa e expõe, entre uma das características da ação imperialista, o controle do meio de transporte que:

[...] facilita a penetração e o escoamento da produção agrícola e/ ou extrativa, e mais o transporte de mercadorias, provenientes de importações, para as atividades comerciais que o processo gera. Esse meio de transporte vem a ser a ferrovia, fundamentalmente, que Lênin constatou ter um surpreendente desenvolvimento na fase que ele chama de “imperialista” (grifo do autor).

Mesmo com a rápida ocupação da região e sua dinâmica territorial no seu início, as terras já estavam divididas entre grandes centros. Segundo Oberdiek (1989), Londrina, sede da Companhia, Maringá, Araçongas e Apucarana foram criadas para serem núcleos catalisadores do processo. Entre esses núcleos, foram criadas, a cada 15 quilômetros, várias cidades de pequeno porte, como Nova Dantzig (atual Cambé), Rolândia e outras.

Para o planejamento urbano e rural também houve uma idealização: os lotes urbanos menores e os rurais maiores, afastados do centro urbano. Tratava-se de uma ligação entre esses componentes que tinham, como coluna vertebral do projeto, a ferrovia.

A divisão em pequenas propriedades também é uma marca do projeto, exaltado como uma fórmula de sucesso e, para Oberdiek (1989), uma postura com o intuito de obtenção de lucros com mão de obra disponível. O mesmo autor diz que, na década de 30, essa mão de obra foi utilizada na própria implantação da colonização, em aberturas de estradas, ruas, derrubadas da mata e plantio inicial do café.

Tais feitura geraram lucro e atraíram mais pessoas para a região, valorizando as terras. Oberdiek (1989) ainda pontua que essas terras vendidas em pequenos lotes pela sua posição dentro do projeto eram mais valorizadas, e as terras mais afastadas eram vendidas com um valor menor. Esses hectares eram de maior valor monetário devido à somatória de vários hectares dessa propriedade.

O lucro do investimento não vinha apenas das vendas das terras, mas também da compra e comercialização de outros produtos de tempo de safra menor que o café, de produtos e insumos agrícolas e, claro, dos transportes. Uma atividade comercial intensa nos anos 1931 a 1934 eram de produtos como arroz, trigo, açúcar, algodão, milho, café, feijão, madeira, porcos.

Esse início efervescente atraiu os imigrantes que estavam fora e dentro do país. Seja pelos números gêneros que a produção em uma terra fértil produz, seja pelas propagandas e suas imagens vinculadas ao progresso e a comodidade de ter transporte, educação, entre outros benefícios de um lugar que acompanha a civilização.

Essas ideias são evocadas na representação da região e também nas páginas de publicidade do seu “[...] primeiro periódico fundado e editado em

Londrina, o jornal 'Paraná-Norte'. Seu primeiro exemplar data de nove de outubro de 1934, e a sua última edição catalogada teria sido a de 24 de setembro de 1953" (ADUM; LEITE, 2012, p.208)

Temos, assim, uma trajetória que é contada e recontada diversas vezes por pessoas simples e autores renomados, tendo como fonte a mais variada disponibilidade de documentos, e dentre esses, as propagandas vinculadas a esse jornal.

2.2 Os Encartes de Propaganda Como Fonte de Interpretação do Passado Norte- Paranaense

Lévi-Strauss, na década de 1930, se torna uma das primeiras referências da região. Algumas mudanças nascem e vão se desdobrando, no que se refere à historiografia. Tais mudanças nos paradigmas mudam a historiografia e, por isso, hoje é possível ter a oportunidade de estudar, por exemplo, a história regional, tendo, mais especificamente, como uma das fontes, a propaganda.

A crítica a essa concepção, realizada já na década de 1930 pela chamada Escola dos *Annales*, não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo. Percorrer o caminho que vai da desconsideração à centralidade dos periódicos na produção do saber histórico implica acompanhar, ainda que de forma bastante sucinta, a renovação dos temas, as problemáticas e os procedimentos metodológicos da disciplina (LUCA, 2008, p.112.)

Como disse a autora citada, acompanhar essa trajetória da utilização de uns periódicos como fonte é acompanhar o desenrolar da escrita da história. Mas não são só os periódicos que passaram por esse novo olhar. A história regional também faz parte dessa mudança.

A historiografia, neste período, era tida como positivista, tendo em suas bases o filósofo francês Auguste Comte³. Sua base era produzida por concepções retiradas de documentos oficiais e o uso de outros tipos, como imagens, eram relegados apenas a ilustrações. Tais teorias tinham o intuito de retirar o imaginário e

³ Nasceu em 1798, morreu em 1857 e teve seus pensamentos e teorias disseminados, principalmente a linha teórica conhecida como positivista, que influenciou não só a História, mas a ciência de um modo geral.

colocar em seu lugar um processo científico que teria uma força motriz: a comprovação, a observação.

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p.112)

As ampliações advêm das modificações de paradigmas historiográficos iniciadas por Marc Bloch e Lucien Febvre. O tempo e o espaço se referem, principalmente, a Europa do século XX, em especial a data de 1949, com a publicação de Marc Bloch, terminada e publicada por seu amigo Lucien Febvre após seu falecimento. Contendo este livro a frase que evoca as mudanças que virão a seguir, se refere à fome que o historiador deixaria aflorar: “O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.” (BLOCH, 2001, p. 20).

A escola dos Annales trouxe, segundo Luca (2008, p. 112), em sua terceira geração, uma prática de deslocamento de estudos de questões de cunho “[...] estrutural, perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha ‘novos objetos, problemas e abordagens’”.

Assim são ampliados os títulos e as fontes e, claro, os problemas. São incluídas as temáticas de filmes, corpo, mentalidade, mulher, crianças e temas ligados ao cotidiano. A autora aponta, também, uma passagem da história total para uma história mais fragmentada. Burke (1992) nos esclarece sobre as fontes:

[...] a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. [...] Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia

pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. [...] O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (BURKE, 1992, p. 11)

Temos inúmeros desdobramentos dessa nova visão de historiografia. Dentre elas, a história regional, a ampliação de fontes, como as imagéticas e os livretos que, no caso, é o cerne desta pesquisa. “Ao ampliar sua noção de objeto de pesquisa, os historiadores tiveram que recorrer a outros tipos de fontes que não fossem apenas o tradicional documento escrito e oficial” (GRATÃO, 2005, p.1837).

São incorporados, assim, um rol novo de questionamentos, campos de pesquisas e fontes. As fontes, antes inimagináveis, são agora avaliadas, criticadas e estudadas com o intuito de contar a história daqueles que foram silenciados. Já “O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e **por meio** da imprensa, o próprio jornal tornou-se **objeto** da pesquisa histórica”. (LUCA, 2008, p.118 – grifo do autor). Luca (2008) ainda aponta:

O novo cenário citadino do início do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas: almanaques; folhetos publicitários de casas comerciais e indústrias; jornais de associações recreativas, de bairros e das destinadas a etnias específicas; folhas editadas por mutuais, ligas e sindicatos operários, até os grandes matutinos e as revistas ditas de variedades, principal produto da indústria cultural que então despontava. (LUCA, 2008, p.120).

Em relação às novas fontes, temos dois exemplos que serão utilizados: o livreto (propaganda) e as imagens contidas neles. Nesse caso, há um alinhamento interessante, que é a junção simbiótica da propaganda com as imagens para nos evidenciar a história regional. A questão do uso de imagens expõe que a simbiose entre imagens e texto (como é o caso dos panfletos) é uma forma de melhor atingir, por exemplo, os analfabetos que, sozinhos, podiam vislumbrar o desenvolvimento da região.

O advento da ilustração foi essencial para o impulso e a diversificação do impresso periódico, ainda mais em um país onde o rarefeito público leitor, que incluía um modesto contingente feminino, avançava lentamente “entre os anônimos leitores de folhetins e os assíduos frequentadores de teatros, circulavam intelectuais, homens

de letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhotas capazes de leitura”. Admite-se que o introdutor da novidade foi o pintor e escritor romântico Manoel de Araújo Porto Alegre. Feito registrado com alvoroço em 14 de dezembro de 1837 nas páginas do *Jornal do Comércio*: “saiu à luz o primeiro número de uma nova invenção artística, gravada sobre magnífico papel [...] e, sem dúvida, receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis” (LUCA, 2008, p.134).

Essa imprensa adentrou terras brasileiras, segundo Luca (2008), com a chegada da Família Real (1808). A autora pontua que as tipografias eram proibidas no Brasil e que os que se atreveram a violar as regras foram duramente perseguidos. Isso mostra o poder que tal instrumento possui, além do caráter sedutor, a confiabilidade e a eficiência em propagar ideias.

Já a questão da propaganda estar vinculada a um periódico, Luca (2008, p.123), expõe que:

A publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos, tornando parte indissociável dos periódicos.

Em relação a essas modalidades de fontes, para análise sobre o passado da colonização da região Norte Paranaense, selecionamos para a presente pesquisa as seguintes fontes: um livreto, que possui, em suas páginas, fotografias, mapas, dados e informações. Ele foi desmembrado e algumas partes foram alocadas em formato de propaganda no Jornal “Paraná Norte”.⁴

Em suas páginas, a Companhia profere um discurso e informações com o nome do agenciador de vendas “Raul Silva”, e a localidade onde o futuro comprador poderá obter maiores informações.

A ênfase aparece na produtividade e fertilidade da terra roxa, assim, o destaque é direcionado a policultura, por exemplo, o café, o algodão, arroz, trigo, tabaco, a pureza da água (a sua localização ligada a bacias dos rios Tibagi, Pirapó, Ivaí, Paranapanema), estrada de ferro, estradas de rodagem. A pecuária também tem o seu destaque nesse discurso, além da extração de madeiras também.

Outro ponto a ser salientado nessa fonte é a exploração por parte da Companhia de uma ligação da região com o progresso, a civilização: uma

⁴ SANTOS, C. R. **Terra fértil, ouro verde**: os panfletos de propaganda da CNTP- 1930-1950. 2008.

incomensurável oportunidade e possibilidade para o futuro comprador ter um crescimento econômico.

Assim, é conectada à região palavras como Eldorado, metrópole, progresso, entre outras que remetem a um lugar profundamente marcado pela certeza da prosperidade. A segunda fonte são as produções científicas que pontuam e analisam a trajetória, os atos da CNTP, os discursos que, definitivamente, possuem uma simbiose entre si e, desde sua gênese, são descritos, criticados e expostos pelas mais diferentes referências bibliográficas.

Tomazi (1989, p. 2) se refere a uma sedução que a ocupação do Norte do Paraná gera sobre a produção intelectual desde sua criação pelo grupo inglês. A CNTP e sua sucessora, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), segundo o autor, tem sido objeto de análise desde a década de 30, através de artigos, livros, dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Outras opiniões sobre sua ação e objetivos têm aparecido, também, em jornais, revistas de variedades, opúsculos, encartes, álbuns comemorativos etc.

Assim de forma direta ou indireta, toda vez que se escreve e analisa o povoamento e a ocupação Paraná e de sua região norte, em especial, há sempre uma referência ou uma análise mais aprofundada sobre a ação desta empresa. (TOMAZI, 1989, p. 02).

Essa extensa produção intelectual se apresenta desde uma visão crítica até o discurso que reproduz a visão da própria Companhia. Nesse capítulo, serão exploradas três obras bibliográficas de intelectuais que serão tomados como base para explorar nossa fonte principal, o livreto anteriormente exposto. Dessa forma, pretendemos percorrer e explorar, através do levantamento bibliográfico, a literatura regional especializada no tema.

Essa pesquisa busca, portanto, elencar alguns fatores presentes nas bibliografias e relacioná-las ao livreto produzido pela CTNP para, então, explorar as representações temáticas que esses autores produziram em seus estudos referentes à propaganda.

Os autores são: Sônia Maria Sperandio Lopes Adum, com sua dissertação de mestrado apresentada à UNESP/Assis, com título “Imagens do progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930 / 1960”, datada de 1991. Nelson Dácio Tomazi, com sua tese de doutorado em História à Universidade Federal do Paraná

intitulada “Norte do Paraná: História e Fantasmagorias de 1997”. E, por fim, o livro de José Miguel Arias Neto, “O Eldorado: Representações da política em Londrina (1930-1975)”, resultado de seu Mestrado em História, pela Universidade de São Paulo, produzida em 1993 como dissertação, posteriormente publicada e republicada em 2008, dez anos depois como uma segunda edição.

Esses autores trabalham e definem suas produções e análises de suas fontes a partir de “modalidades historiográficas”. Essa especificidade historiográfica influencia na escrita e nas representações de suas produções, como as representações econômicas da terra, representações infraestruturais e administrativas, representações da sociedade, entre outros possíveis caminhos historiográficos.

Devemos ressaltar, porém, que, em muitos casos, as fontes são as mesmas, mas a abordagem é o diferencial. Os intelectuais vão produzindo e escrevendo com base em produções anteriores, mesmo que seja para desconstruí-las ou para apoiar suas ideias. Sendo assim, a produção científica da área vai se propagando. Essas produções intelectuais, por sua vez, formam e alimentam o corpo literário que a história como disciplina possui.

As obras elencadas são profundamente marcadas pelas escolhas dos seus autores, suas crenças e formas de escrita, além de possuírem a capacidade de disseminar ideias e conceitos, um instrumento da prática intelectual.

Uma forma de análise, que foi eleita para esse estudo, foi a de pontuar as escolhas produzidas pelos autores sobre a propaganda, em certa medida em caráter exato, evidenciando como eles exploram as representações sobre o norte do Paraná – se discordam ou silenciam, seus pontos de vista sobre civilização, progresso, nova Canaã, Terra da Promissão, entre outros.

2. 3 A perspectiva regional na abordagem historiográfica

Assim como podemos observar a fonte recém-incorporada a uma historiografia, sua ligação estreita com a pesquisa regional, que passou por abalos em suas teorias, é uma junção de interesses que, em seu discurso, joga luz sobre outro campo temático: a História regional.

Barros (2013), ao analisar a expansão historiográfica, demonstra que esse movimento de ampliação temática da historiografia não tem cessado as suas

diversificações. Dentre essa expansão estão salientadas pelo autor a História Local, Regional e a Micro História. O autor aponta a distinção entre tais diversificações do saber histórico: “se a História foi se adjetivando, gerando suas modalidades e especialidades internas, é porque devem ter ocorrido motivos para isto.” (BARROS, 2013, p.166). Mas o autor também salienta a conexão desses campos históricos e a inexistência de um estudo que seja enquadrado em apenas um campo.

Silva e Linhares (1995), em seu estudo sobre região e reforma agrária, pontuam uma contribuição de vulto para os estudos regionais, que foi dada por Ciro Cardoso ao apresentar, em 1977, na Fundação Getúlio Vargas, um ensaio longo e extremamente erudito, segundo os autores, intitulado “História agrária e história regional: perspectivas metodológicas e linhas de pesquisa”.

Nesse texto, conforme Silva e Linhares, o autor debatia sobre as diversas perspectivas da História agrária e suas relações com o conceito de região. Ciro Cardoso registrava o uso do conceito e evidenciava particularmente na historiografia francesa. Pontuava, ainda, uma série de advertências e proposições:

Antes mesmo de sua edição, em 1982, o ensaio já circulava sob a forma de cópias, nos diversos centros de estudos, influenciando fortemente as novas abordagens. Particularmente, eram ricas as sugestões metodológicas de Cardoso no sentido da região se constituir num quadro bastante adequado de análise, fuce aos limites do trabalho artes. Mal do historiador e, ao mesmo tempo, à facilidade para abarcar inúmeras variáveis. (SILVA; LINHARES, 1995, p.24)

Percebemos, portanto, que essa tendência de estudos sobre o regionalismo, em sua ampla temática, estendeu-se pelos mais diversos campos temáticos historiográficos. Albuquerque Júnior (2008, p.03) fala sobre a origem da noção de região:

A noção de região, por exemplo, tem origem militar, vem do latim *regione*, e nomeava originalmente uma área sob o comando, que vem da palavra latina *regere*, de uma dada força militar, de uma dada legião romana, de um regimento. (Grifo do autor)

Albuquerque Júnior (2008) expõe que a origem do conceito “região” remete ao comando, domínio, poder e seria, então, vinculada à força, à demarcação de um espaço sob controle, uma dominação após uma vitória sobre um oponente. O conceito de região pode ser definido como espaço de luta, fruto de uma conquista.

Albuquerque Júnior (2008, p.04) analisa a região de uma perspectiva um tanto política, centrada em poder e domínio, uma perspectiva diferente de Barros (2013):

As regiões, portanto, não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir; as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produto de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação.

Para esse autor, falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, ou seja, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos. A força e o poder que decidem, conformam, sustentam e movimenta quem são ou não convidados a permanecer no projeto que dará origem ao dado recorte regional. (ALBUQUERQUE JR, 2008).

Do mesmo modo, Albuquerque Júnior (2008) ainda afirma que um dado recorte espacial é sustentado, explicado, justificado, legitimado por algumas formas de saber, que se solidificam em ações, atos, discursos, práticas discursivas e não discursivas.

Essa delimitação de um espaço, e sinalá-lo como uma “região”, é algo construído, um processo de formação e identitária. Sochodolak (2011, p.13), em seu texto “História, regiões e narrativa trágica”, inicia sua análise auferindo que definir “região” não é uma tarefa fácil. “Ao contrário, é um caminho perigoso, movediço e cheio de perigos que encham de temeridade o caminhante prudente”. A história do conceito, segundo o autor, tem em seu percurso as disputas teóricas internas e externas, na história de algumas disciplinas.

Esse conceito percorre a geografia, antropologia, sociologia, economia, filosofia, etnografia e história. Podemos inferir que o autor citado apresenta o conceito de região a partir de disciplinas: “o critério envolve disputa entre as disciplinas, pois ora ele será físico/natural, ora econômica, ora social, ora étnico ou outro” (SOCHODOLAK, 2011, p.13).

Barros (2013) também trabalha o tema e expõe seu ponto de vista, e aponta que há um aspecto elaborado dentro das coordenadas da pesquisa, e nem sempre está ligada a critérios geográficos amparados na cartografia tradicional. O referido

autor trabalha o tema História Regional por outro enfoque, que aborda o aspecto social e antropológico, usando esse enfoque, inclusive, para produzir a delimitação espacial:

O espaço regional, como já foi destacado, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador, de acordo com o problema histórico que era examinar. (BARROS 2013, p.178)

Albuquerque Júnior (2008, p.05), por fim, nos revela ainda algo a ser meditado, um desafio para a historiografia regional, segundo o autor, de se constituir uma História regional que se efetiva acriticamente a pretensa identidade de uma dada região. Correndo o risco

[...] permanente de se constituir em instância de veiculação e legitimação de um dado recorte regional, de se tornar um saber a serviço das forças, dos interesses e projetos políticos que deram forma ou que sustentam um dado espaço dito e visto como regional.

Desse modo, se faz necessário delimitarmos nosso espaço, ao qual essa pesquisa está vinculada: uma região que foi eleita não ao acaso, e sim, primeiramente, pelos rumores de sua fertilidade, e ao ser comprovada essa suspeita, um capital estrangeiro, com seus resultados pautados em mãos, delimitam as futuras terras da CTNP na região conhecida como Norte do Paraná.

Sônia Adum (1991), uma das nossas fontes, expõe algumas definições da área, e afirma que não tem a intenção de descartar nenhuma das perspectivas assinaladas em seu texto por entendê-las enquanto representações ligadas a interesses e temporalidades múltiplas. Para complementar em seu trabalho, privilegia uma conceituação que se apoia em elementos presentes nas décadas de análise de sua pesquisa, como também o que se fundamenta no simbólico contido no universo dos que nesta região aportavam:

O que é o famoso Norte do Paraná.

Geograficamente, é toda a região norte deste Estado, compreendida entre os rios Paranapanema, Itararé e os baixos: Cinzas, Laranginha, Tibagi, Ivaí, Piquiri.

Historicamente, é toda a vasta região conhecida pelos jesuítas, pelos espanhóis e pelos Bandeirantes, sob o

célebre nome de **Guáira**, nos tempos dos chefes índios Guairaçá e Taiobá.

Geologicamente, o Norte do Paraná é a continuação das magníficas terras roxas do Estado de São Paulo, prolongando-se pelo Sul do Mato Grosso, indo terminar além da Foz do Iguaçu, em Santa Rosa, Rio Grande do Sul.

Etnologicamente, falando, é ele a mais viva demonstração do quanto pode o braço nacional, auxiliado de quando em vez, pelo braço estrangeiro, e orientado por entidades competentes.

Socialmente, o Norte do Paraná é o “tira teima” de muita doutrina fazendeira antiquada; o feliz consórcio de muitas e muitas raças, a prova dos noventa e nove fora de um complexo social com que os governos terão muito o que fazer, e cuja solução põe em jogo os mais espertos sociólogos; visto que, semelhante movimento demográfico em nossa Pátria, nunca se deu e nunca mais se dará. Qualquer teoria, qualquer sistema, qualquer tabela tendente a resolver o problema econômico-social do Norte Paranaense, esbarra logo com mil e umas dificuldades desconhecidas noutras regiões. Só mesmo quem vive lá é que poderá ter alguma vaga ideia do que seja esta “Nova Babilônia”. (ADUM, 1991, p. 52)

Tomazi (1989, p. 126), outra referência, ao evidenciar as inúmeras formas que foram encontradas para delimitar e caracterizar a região, destaca que:

Desde o século, passado o “Norte” foi sendo delimitado, designado de várias formas à medida que era (re)ocupado. Assim, encontram-se expressões como o “sertão do Tibagi”, o “sertão do Cinzas” o “extremo norte do Laranjinha”. A subdivisão mais conhecida e consagrada é aquela que divide a região em estudo, em Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo.

Ele aponta que, até hoje, não há um consenso sobre quais são os limites da região situada segundo ele ao norte do estado do Paraná e inúmeras são as suas subdivisões. Assim, o autor prossegue seu raciocínio afirmando que mesmo com toda a diversidade existente e sem um consenso sobre a definição de sua territorialidade, continua-se a falar na região Norte Paranaense, segundo o autor, como se houvesse uma unidade indissolúvel, elemento essencial do discurso Norte do Paraná.

Finaliza se referindo a sua área de estudo, através de recortes geográficos:

No contexto deste trabalho, utilizarei os rios mais conhecidos e as bacias destes como elementos de localização dos processos de (re) ocupação. Assim, indicarei o que ocorre entre o Itararé e o Cinzas, entre o Cinzas e o Tibagi, a leste e a oeste do Tibagi, no Paranapanema, na região do Ivaí ou do Piquín e, desta forma,

poderei situar determinadas áreas. Quando for necessário maior detalhamento, utilizarei a subdivisão que o IBGE faz atualmente. São 4 (quatro) Meso-regiões e 18 (dezoito) micro-regiões onde são aglutinados todos os municípios que poderão ser citados nominalmente, quando for o caso. (TOMAZI, 1989, p. 126)

Como podemos perceber, as delimitações são inúmeras, muito frutíferas e adaptáveis a cada estudo. Mas precisamos retomar as delimitações e distinções sobre a História regional em relação à história Local:

Há também certa tendência, no Brasil, a utilizar a expressão “História Local” para o estudo de localidades menores do que aquelas regiões geográficas ou administrativas mais amplas que podem corresponder a um Estado, ou mesmo a uma área consideravelmente grande dentro de um Estado. Assim, a “História Local” na historiografia brasileira, costuma se referir a cidades, bairros, vizinhança, aldeias indígenas [...]. (BARROS, 2013, p.183)

Silva e Linhares (1995, p.25) colocam os estudos regionais como uma inovação no trabalho do historiador, que “[...] deveria ser capaz de revelar a dimensão regional de sua pesquisa, corrigir ou reafirmar pretensões iniciais e desvendar conexões até então não pensadas.”. A História regional é definida por Barros (2013) nos seguintes termos:

[...] o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior (o espaço nacional, uma rede comercial). (BARROS, 2013, p.178).

Já a Micro-história, segundo Barros (2013), interessa ao historiador que pretende realizar uma redução na escala de observação, com a intenção de delimitar e explorar aspectos que em um estudo macro seriam desprezados. “[...] quando o historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda através da pequena comunidade [...]” (BARROS, 2013, p.179).

Após termos produzido alguns apontamentos historiográficos e elencado conceitos caros à pesquisa, tais como o conceito de região, a História regional e a micro-história, devemos evidenciar a importância das bibliografias eleitas como bases e como fonte para o estudo, bem como os respectivos autores e quais evidenciam, através do seu trabalho, a ampliação das representações

historiográficas de cada período, com o intuito de renderam frutos significativos para a área.

Por meio de questionamentos a esses trabalhos, faremos o caminho inverso, que é pontuar as mudanças e semelhanças na escrita de alguns autores sobre a história que apresenta a amálgama entre a História Regional e Local.

Analisaremos questões como o que envolve suas escolhas de abordagem, suas fontes, suas apropriações e como a propaganda e as bibliografias eleitas revelam o campo historiográfico que essa pesquisa se enquadra e o ponto de vista de seu autor. No próximo capítulo, portanto, serão analisadas as influências e oposições nas pesquisas selecionadas para análise, que têm, como já dito, um ponto de encontro: a história do Norte do Paraná.

3 REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO DO NORTE DO PARANÁ NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940 PRESENTES NO LIVRETO DA CTNP

Miguel Arias Neto, ao trabalhar as representações da política na cidade de Londrina, no período entre 1930-1975, inicia seu livro com uma epígrafe retirado do Jornal “Paraná Norte” datado do ano 1936. Palavras como próspero, mata, sertão verde, progresso, terra roxa, moderno, Terra da Promissão, colossal, próspero, futuro e café aparecem no discurso.

A simbiose entre a epígrafe retirada do jornal, o discurso e a propaganda pela CTNP faz parte de um projeto que aparece nas fontes bibliográficas dessa pesquisa. Mas, de início, exploraremos um dos principais meios de propagação do projeto, o jornal “Paraná Norte”.

Desde o início fez intensa propaganda no Brasil e no exterior onde elaborou a um discurso que reforça aquele sobre as maravilhas da região, do progresso e da riqueza ali existente, visando antes de tudo trazer compradores para as terras que havia adquirido até então. (TOMAZI, 1997, p. 206).

O jornal “Paraná Norte”, segundo Arias Neto (2008), foi fundado em 1934 e seus interesses eram alinhados aos da CTNP. Havia um vínculo forte entre as duas empresas: “Carlos Almeida e Humberto P. Coutinho, diretores do jornal, eram vinculados a CTNP [...]” (ARIAS NETO, 2008, p.10). Dessa forma, a composição do projeto gráfico/editorial da publicação era profundamente marcada pelas ideias da Companhia: “Como dito anteriormente, o Paraná-Norte foi utilizado como porta-voz da CTNP, principalmente nas questões econômicas e políticas.” (ADUM; LEITE, 2012 p.217)

A crítica de Arias Neto (2008) ao jornal é no sentido de que este tem um propósito propagandístico claro: atrair futuros compradores de terras, além de difundir o discurso da Companhia. Esse periódico é uma parte do suporte de divulgação de seus interesses.

A fertilidade da terra, a rápida prosperidade pública e privada, o acesso à propriedade agrária, a riqueza propiciada pela agricultura são elementos que compõem as representações da cidade e da região como *Terra da Promissão e Eldorado*. (ARIAS NETO, 2008, p.10). (Grifo do autor)

Essa complexa produção de um periódico, suas nuances, sua circulação, propagação, usos e consumos e, claro, sua participação na sociedade. Em suas tiragens, surgem panfletos e discursos que vem desde o início do projeto realizado pela Companhia. Adum e Leite (2012) afirmam que o periódico foi o primeiro jornal fundado e editado na cidade de Londrina. Circulou entre os anos de 1934 a 1953.

O interesse da Cia na venda das terras e obtenção de lucro rápido pode ser identificado através dos documentos e materiais de divulgação propagandísticos produzidos pela CTNP, com distribuição tanto no Brasil quanto no exterior. As propagandas produzidas em panfletos, jornais e revistas, enfatizavam a riqueza e a fertilidade das terras roxas, livres de saúva, além de ressaltar a cidade de Londrina, sua sede, como uma cidade progressista, como melhor lugar para se morar e viver (ADUM; LEITE, 2012, p.211).

Assim percebemos um discurso, divulgado das mais diversas formas, inclusive nos panfletos de propaganda. Trabalhamos com um livreto que faz parte da propaganda realizada pela Companhia disseminando seus ideais. Primeiramente, o livreto possui nove páginas, nas quais se apresentam imagens de pelos menos dois fotógrafos da região. O primeiro é Hans Kopp e o segundo, José Juliani.

Quando já tinha o que mostrar do lugar: a exuberância das matas, a excelência das madeiras (enormes árvores de peroba, figueira branca, pau d'alto e outras), a qualidade da terra roxa, casas, hotel, serviços de infra-estrutura, passou a utilizar fotografias em suas publicidades. Uma das mais importantes estratégias publicitárias era preparar álbuns de fotografias e distribuí-los para os corretores de terras, que viajavam por diversos estados e impressionavam os potenciais compradores com as fotografias que mostravam. Num primeiro momento, para produzir essas fotos, contratava os serviços de Hans Kopp, um fotógrafo de origem alemã, sediado em Ourinhos (SP), que vinha a Londrina esporádica e especialmente para produzi-las. (BONI, 2007, p.12)

O livreto pertence ao acervo do Museu Histórico de Cambé e foi doado recentemente por um dos parentes de Carmem Delgado Pereira, esposa de Antônio Pereira, que foi agente vendedor de terras da Companhia. O material foi encontrado na casa da pioneira após sua morte.

Antônio Pereira veio para as terras da CTNP, em 1937, advindo de Portugal. Fixou residência primeiramente em São Paulo, em seguida adquiriu terras na cidade de Nova Dantzig – que passou a ser chamada Cambé em 1947. Ele trabalhou para

a Companhia, que possuía vários escritórios em São Paulo, Curitiba e Londrina, e sua função era de vender lotes. Na segunda folha, surge o nome de Raul que, segundo o doador do documento, era representante Antônio Pereira.

Deste modo, apresentamos as bibliografias norte paranaense que serão a base de análise da nossa fonte, o livreto: Sônia Maria Sperandio Lopes Adum, “Imagens do progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930 / 1960”, datada de 1991; Nelson Dácio Tomazi, com “Certeza de Lucro e Direito de Propriedade: O mito da Companhia de Terras Norte do Paraná”, datada de 1989; e por último, o livro de José Miguel Arias Neto, “O Eldorado: Representações da política em Londrina (1930-1975)”, de 2008.

Nosso documento – o livreto – foi produzido pela CTNP no ano de 1941 e era utilizado para as vendas dos lotes pelos agenciadores. Tal material ora foi utilizado na íntegra, ora em partes, integradas ao jornal “Paraná Norte”. Pontuamos a existência de outros panfletos, livretos e propagandas anteriormente, mas este se mostra relevante ao passo que é um material composto de parte de outras propagandas e mostra novas ideias para a região colonizada pela CTNP.

Para explorar essa fonte e suas intersecções com as obras bibliográficas, se faz necessário, primeiramente, pontuar os termos que aparecem na fonte. Tais termos têm diferenças entre seu uso inicial e os produzidos pela CTNP. Termos como Eldorado, Terra da Promissão, Canaã e progresso, em seu contexto no Norte do Paraná, não aparecem com os mesmos objetivos. Reapropriados, realocados no discurso e nas propagandas, tem um uso bem elaborado. Precisamos destacar, principalmente, o novo contexto ao qual foram introduzidos, combinados entre si em um terceiro momento em prol de um discurso homogêneo que chega até nós.

O termo Canaã e terra prometida são análogos: advém de histórias da bíblia. Esta passagem bíblica cita que Abraão recebeu um chamado de Deus que ordenou que ele fosse com os Hebreus para a terra prometida daquele povo. Este chamado levou a um êxodo de anos, com um único objetivo de chegar à terra de farturas, comidas, bebidas, inclusive “onde corre leite e mel”. Um lugar de maravilhas, onde a permanência era certa e fixa. Mas, o que chama a atenção é que esse termo é utilizado em grande escala pela CTNP, em seus discursos, e em diversos panfletos, mas não aparece neste livreto em específico.

É significativo o fato de que praticamente dois anos após a publicação do *Álbum do Município de Londrina*, os atributos da Terra da Promissão sejam transferidos para a ideia de Eldorado. De fato, a menção do Eldorado não é casual e revela a incorporação das imagens produzidas por Cassiano Ricardo. Se no Norte do Paraná não havia as minas de ouro descobertas pelos bandeirantes paulistas nos séculos XVII e XVIII, os empreendedores da moderna Marcha para Oeste poderiam transformar, através do trabalho, as riquezas naturais do norte e a fertilidade da terra, em ouro. As imagens da Marcha para Oeste recriam a natureza e os produtos do trabalho da terra. (ARIAS NETO, 2008, p. 57).

Já o termo Eldorado é uma lenda que, ao ser rastreado, tem um ponto em comum: a colonização das Américas. A ganância e a loucura da busca por materiais valiosos e uma lenda indígena que falava de uma cidade com muitas riquezas e um rei que se “vestia de ouro”, ou seja, riquezas, fortunas. Esse termo aparece no livreto de forma repetida.

Assim, após esta breve apresentação dos termos, e o que percebemos é um elo entre eles: o local, onde todos os caminhos levam à felicidade plena, a oportunidades para todos aqueles que ali aportarem. Assim, esse discurso foi transferido para as terras da CTNP e, principalmente, para Londrina:

Na análise do editorial do Paraná-Norte entre 1934 a 1936, sobre a cidade de Londrina, identificamos duas cidades distintas, porém intrínsecas: A Londrina “imaginária” e a cidade de Londrina que se misturam na descrição dos redatores. A Londrina “imaginária” é uma cidade vista como progressista, pacífica, civilizada, localizada no centro da “Terra da Promissão”, da “Nova Canaã” e a cidade de Londrina, tal qual como se constituía estruturalmente, política e economicamente. (ADUM; LEITE, 2012, p.216)

Tais termos empregados tinham em si uma conexão, um discurso de oportunidades. Porém, nesse livreto há outros termos que se alinham a esse discurso: Progresso, civilização, modernidade. A representação de um desses termos é significativa o estudo: o progresso.

Tal palavra acarreta um discurso com vários elementos e representações. A princípio, exploraremos algumas de suas conotações: temos o progresso mental e material. O primeiro, ligado intimamente ao humano e, o segundo, ao material, as tecnologias. “A ideia explícita de progresso desenvolve-se entre o nascimento da imprensa no século XV e a Revolução Francesa.” (LE GOFF, 1990, p. 245)

Dessa forma, há uma ligação entre progresso e modernidade que, juntos, atuam sobre as transformações nas paisagens urbanas e rurais: alterações nas cidades, na natureza e no olhar do próprio homem sobre estas. As representações dos Ideais de progresso e modernidade têm seus efeitos fotografados, e são a base da representação de progresso da CTNP.

Em sua representação de progresso, a CTNP, nesse livreto, se apresenta como um agente a serviço da modernidade, um símbolo da inovação. A representação da CTNP, como um agente ativo nesse processo de modernidade da região Norte do Paraná, como já citado anteriormente, foi alimentado e disseminado pelo jornal Paraná Norte.

Uma interação em que usa um diálogo entre textos e imagem – iconotexto –, tem uma função especial: promover um entendimento e interpretação das imagens. Um sucesso e, claro, mais um meio técnico – a comunicação – que exaltava o progresso da região.

Com o intuito de não incorrer na simplificação do termo, passamos a uma explanação de Dupas (2006), em sua introdução, que afirma que nas ciências naturais, a partir do século XVII, prevaleceu claramente a ideia de que o mais recente é sempre o mais verdadeiro ou o melhor. Os modernos e sua nova onda cultural prevaleceram impondo maior “sabedoria” como condição para o progresso.

O autor ainda afirma que “a partir da segunda metade do século XVII, e durante todo o século XIX, a ideia de progresso foi dominante no Ocidente.” (DUPAS, 2006, p. 14). Ao examinar o significado da palavra progresso, Dupas (2006) diz que:

Em busca dos significados atribuídos a **progresso** vamos, antes de tudo, percorrer o conhecimento enciclopédico. A **Grande enciclopédia Delta Larrouse** chama de **progresso** "movimento ou marcha para frente; desenvolvimento; aumento; adiantamento em sentido favorável **ou** desfavorável". Já **The Randon House Dictionário of The English Language**, classifica-o de movimento em direção a um objetivo ou a um estágio mais elevado ou avançado; também define **progresso** como atividade de desenvolvimento em ciência, tecnologia etc. ... referente a oportunidades comerciais, criada em consequência ou em função da promoção do bem-estar material da população por meio de bens, técnicas ou facilidades. Portanto, associa **progresso** à propaganda que envolve a promoção dos novos bens fabricados pela tecnologia. O **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** define **progresso** como a “ação ou resultado de progredir; progressão; movimento para diante; avanço”; ou ainda como a “mudança de estado (de algo) que

o move para um patamar superior; crescimento; mudança considerada desejável ou favorável; avanço, melhoria, desenvolvimento”; e, finalmente, “incorporação, no dia a dia das pessoas, das novas conquistas no campo tecnológico, da saúde, da construção, dos transportes etc”. (DUPAS, 2006, p. 18) (grifos do autor).

Como podemos perceber pelas ideias do autor, progresso não é um termo que nasce no século XX, mas possui sua trajetória e uma maior evidência a partir do século XIX. Le Goff (1990, p.245) afirma que de 1620 a 1720, aproximadamente, a ideia de progresso se afirma, antes de mais nada, no domínio científico; “[...]depois de 1740, o conceito de progresso tende a generalizar-se e difunde-se nos domínios da história, da filosofia e da economia política”. O autor ainda evidencia o crescimento da confiança na razão e a ideia de que o mundo físico, moral e social é governado por leis.

Mas o século XIX foi o grande século da ideia de progresso, a linha dos dados adquiridos e das ideias da Revolução Francesa. Como sempre, o que mantém esta concepção e a faz desenvolver são os progressos científicos e técnicos, os sucessos da revolução industrial, a melhoria, pelo menos para as elites ocidentais, do conforto, do bem-estar e da segurança, mas também os progressos do liberalismo, da alfabetização, da instrução e da democracia. (LE GOFF, 1990, p.256)

Essa proposta de progresso como avanço e crescimento na região Norte do Paraná esteve conectada a várias áreas. Como no transporte, com o trem, estradas e pontes, diminuindo espaços e isolamentos, facilitando negócios e trazendo conforto; ou a ligação com atitudes racionais relacionadas intimamente à alfabetização, exaltadas pelos meios de comunicação, construindo uma representação própria, simbiótica, sedutora e que correspondia às mais modernas ideias da época.

O retrato era de cidades ligadas à civilização, as ideais de administração e democracia, bem longe da temida barbárie e do atraso. Uma sociedade justa, com oportunidade para todos e uma ligação com a inovação, que viabilizava uma qualidade e oportunidade de vida melhor. Um discurso progressista emergiu e, com ele, uma região adquiriu um status de futurista, onde a tecnologia e a inovação tem sempre vez e são marcadores, símbolos desta região.

Com tais esclarecimentos pontuados, passemos a análise da fonte. Em sua primeira página, temos o chamado iconotexto. Há, em destaque, a reprodução de uma fotografia de Hans Kopp, fotógrafo que foi um dos primeiros – se não o primeiro – oficial a trabalhar para a CTNP. Mas a CTNP, em seu início, também teve como fotógrafos George Craig Smith e José Juliani. Eles tiveram em seu foco especialmente o registro das mudanças e desenvolvimento da região:

Sem as mídias fotográficas de George Craig Smith seria muito mais difícil recuperar os primórdios da história de Londrina. Outro nome importante para a recuperação iconográfica da história da cidade foi o alemão Hans Kopp. A Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), colonizadora de Londrina e de boa parte do Norte do Paraná, guardadas as devidas proporções, sempre fez muita publicidade de seu empreendimento imobiliário. (BONI, 2007, p.12)

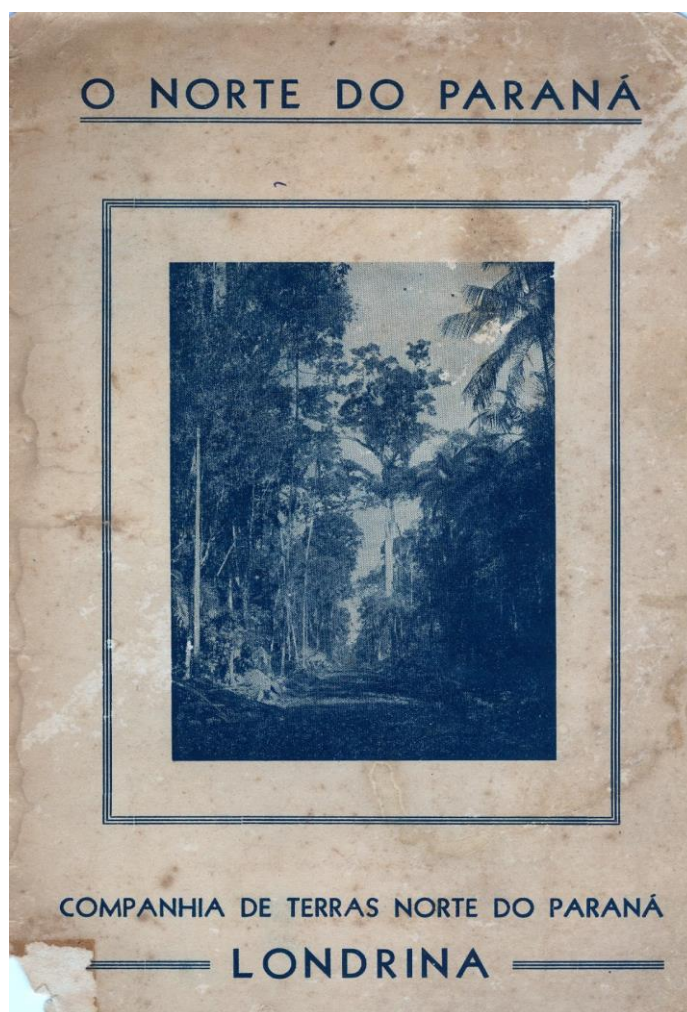
Boni (2007, p.12) afirma que, em 1933, o Sr. Ernest Rosemberg, engenheiro da CTNP, precisava dos serviços de Hans Kopp para uma fotografia do salto do ribeirão Cambézinho, que fica no Parque Arthur Thomas. Segundo o autor, seria enviada posteriormente à Inglaterra. A CTNP, como de costume, solicitou a presença do Sr. Hans Kopp para a incumbência, mas Hans Kopp não pode comparecer e foi solicitado o serviço de um fotógrafo que havia acabado de chegar, vindo do Estado de São Paulo, em Londrina: José Juliani, que passou a prestar serviços à CTNP:

Como prestador de serviços para a CTNP, José Juliani se tornou uma testemunha ocular da transformação de matas em lavouras, de árvores em casas e móveis, de casebres em edifícios, de barro em estradas pavimentadas, de crianças em homens que fizeram a História de Londrina. Fotografou pessoas chegando, estradas sendo abertas, a terra produzindo, as lavouras florescendo, casas sendo construídas, igrejas sendo levantadas, a cidade crescendo, festas populares, casamentos, batizados, solenidades, inaugurações, visitas de personalidades à cidade, reuniões e manifestações políticas, trabalho, esporte, lazer, cultura. (BONI, 2007, p.14)

As imagens fotográficas em sua totalidade estão em preto e branco. Houve um trabalho de adequação e diagramação destas com o texto. Em sua quase totalidade, as fotografias aparecem como ilustrativas do discurso: um complemento que reafirma a veracidade do discurso ali empregado. É importante frisar a sedução que esse material imprime, e a fotografia faz sua parte nessa missão.

Em sua capa (imagem 01), aparece a primeira imagem, no cabeçalho está escrito “O Norte do Paraná” e, abaixo, “Companhia de Terras do Norte do Paraná – Londrina”. Dentro de uma moldura, há a primeira fotografia, em que aparece uma estrada (um caminho rumo à fertilidade e o progresso) cercada de árvores frondosas que revelam, dos olhos daquele que as contemplam, uma fertilidade da terra, madeira de qualidade e um caminho que rasga e vence a mata.

Imagem 01 – capa do livreto de 1941



Fonte: Museu Histórico de Cambé

Na imagem 2, aparece uma fotografia, um carimbo e a frase “Sinta a alegria de viver e prospere no Norte do Paraná” (**O Norte do Paraná**. Companhia de Terras Norte do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: Agosto de 1941.). Tomazi (1997) aponta que outros instrumentos foram utilizados para a disseminação do produto e das ideias da CTNP. A Companhia colocou, principalmente, em vários pontos de

São Paulo e Minas Gerais, e também no Paraná, agentes/vendedores de terras que procuravam atrair compradores com material publicitário e pré-contratos. Há, nesse carimbo do livreto, as informações de um desses agentes.

No afã de vender as terras a qualquer custo e lucrar muito e o mais rapidamente possível, o próprio Lord Lovat torna-se o grande agente/vendedor da Paraná Plantations/CTNP quando nos anos de 1930/31 visitou vários países europeus, como a Alemanha, Polônia, Áustria e Itália entre outros, onde procurou fazer contatos com órgãos públicos e privados visando a vinda de imigrantes diretamente para as terras que o grupo inglês possuía no Paraná. Um desses contatos aconteceu em 1932 com a “Sociedade para Estudos Econômicos de Além-Mar” da Alemanha, que resultou na vinda de alemães para uma gleba onde instalou-se posteriormente a cidade de Rolândia. (TOMAZI, 1997, p.207)

Ainda no texto dessa página, aparece um discurso que exalta a grandiosidade da Companhia colonizadora e de suas terras, além da frase “é preciso ver para crer”. São exaltados os títulos seguros das terras, a fertilidade, que é representada com a mata ao fundo, a água e as estradas de ferro e as de boa rodagem. Os elementos se apresentam como um diálogo que é reforçado com o texto, pois ele remete ao “ver para crer”.

“O testemunho insuspeito e entusiasta dos ditosos compradores de nossa terra, constituem e comprovação incontestável das nossas afirmações” (**O Norte do Paraná**. Companhia de Terras Norte do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: Agosto de 1941.) Os compradores aparecem na imagem representados pelo número de casas. Ou seja, um local em plena expansão populacional que prospera. Essa página foi desmembrada do livreto e utilizada em propaganda no Paraná Norte.

Imagem 02: 1ª página do livreto



Solicite informações detalhadas, sem compromisso à
RAUL SILVA
Caixa Postal. 800 CURITYBA

Vista parcial da cidade de LONDRINA

**SINTA A ALEGRIA DE VIVER
E PROSPERE NO NORTE DO PARANÁ**

PARA que se possa bem ajuizar das possibilidades incomensuráveis do Norte do Paraná, à presente data (Agosto, 1941) é preciso "ver para crer" ou, então, ter conhecido outras terras e confronta-las. Na realidade terras tão produtivas, dificilmente se encontram. Daí o êxito da Companhia de Terras Norte do Paraná, a maior empresa colonizadora da América do Sul, cujas vendas, atingiram 76.000 alqueires! Proprietária de uma área de 500.000 alqueires (1.200.000 hectares) de terras fertilíssimas, adequadas para qualquer cultura, situadas nas bacias dos rios Paranapanema, Tibagi, Pirapó e Ivaí, no Norte do Estado do Paraná, judicialmente divididas e todas adquiridas diretamente do Estado do Paraná, a Companhia de Terras Norte do Paraná oferece, por todas as razões, as melhores vantagens, tais como:

- 1.º TÍTULOS DE DOMÍNIO ABSOLUTAMENTE SEGUROS;
- 2.º FERTILIDADE E SALUBRIDADE;
- 3.º ESTRADA DE FERRO E BOAS ESTRADAS DE RODAGEM;
- 4.º ÁGUA DE UMA PUREZA INVULGAR.

O testemunho insuspeito e entusiasta dos ditos compradores de nossas terras, constituem a comprovação incontestável das nossas afirmações.

Cia. de Terras Norte do Paraná
Sociedade Anônima, com sede em LONDRINA, Estado do Paraná, Brasil.
Capital realizado Rs. 18.500.000\$000.
Solicitem informações no seu escritório em São Paulo à
RUA SÃO BENTO N.º 329 — 8.º andar — Caixa Postal 2771.
Nota—Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.

Agosto de 1941-10.000

Fonte: Museu Histórico de Cambé

Na imagem 03, aparecem, na diagramação, duas das mais prósperas culturas: o café e o algodão. Nas fotografias, aparecem em poses altivas os colonos, pioneiros que comprovam a dualidade da terra. No texto, são destacadas a fertilidade da terra roxa, a existência de uma mata virgem com suas madeiras "esguias e grossas", árvores como figueira branca – que é o símbolo da fertilidade – e madeiras que oferecem ganho industrial e são de grande procura, como peroba, cedro e caviúna.

São exaltadas, ainda, a qualidade das safras, a não existência de saúvas, as altitudes e o clima saudável, além de aparecer a frase: "sejam brasileiros ou estrangeiros, dá-se muito bem". (**O Norte do Paraná**. Companhia de Terras Norte

do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: Agosto de 1941.).Nessa página, o progresso se apresenta na oportunidade de uma terra boa com grandes possibilidades de riquezas para seus compradores.

Imagem 03: 2ª página do livreto



Fonte: Museu Histórico de Cambé

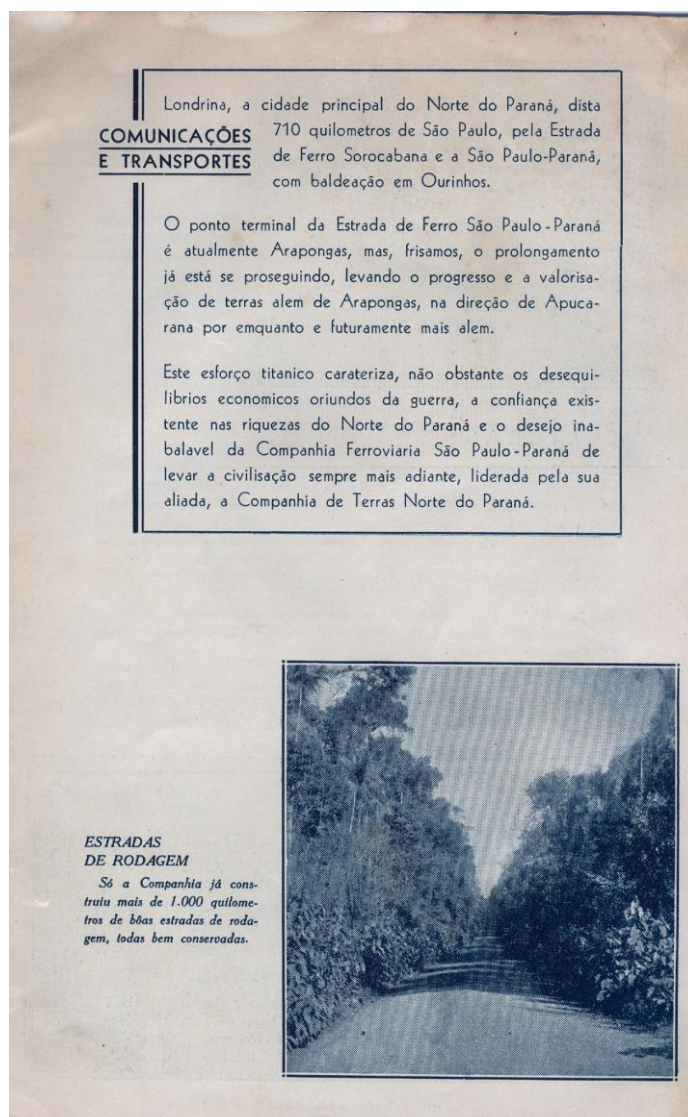
Na imagem 04, as comunicações e o transporte se mostram caros aos preceitos de progresso, pois, em locais isolados, não são ofertadas as possibilidades de diálogos logísticos e comerciais com os grandes centros urbanos e civilizados.No texto, o destaque é a cidade de Londrina, sua proximidade com São Paulo e a presença de uma estrada de ferro que liga a região, tanto a São Paulo quanto a Sorocaba, e estas, por sua vez, com outras regiões do país.

É exposto que tal linha férrea estava em expansão pelas terras da Companhia, e "este esforço titânico caracteriza [...] o desejo inabalável da

Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná de levar a civilização sempre mais adiante, liderada pela sua aliada, a Companhia de Terras Norte do Paraná.”. (**O Norte do Paraná**. Companhia de Terras Norte do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: Agosto de 1941.)

Uma situação em que a CTNP se compromete em levar a civilização do seu país de origem às terras da Companhia. A fotografia revela uma estrada e a legenda afirma que já foram construídos 100 quilômetros de boas estradas. De novo, a “civilização” rasgando a mata e levando adiante a urbanização.

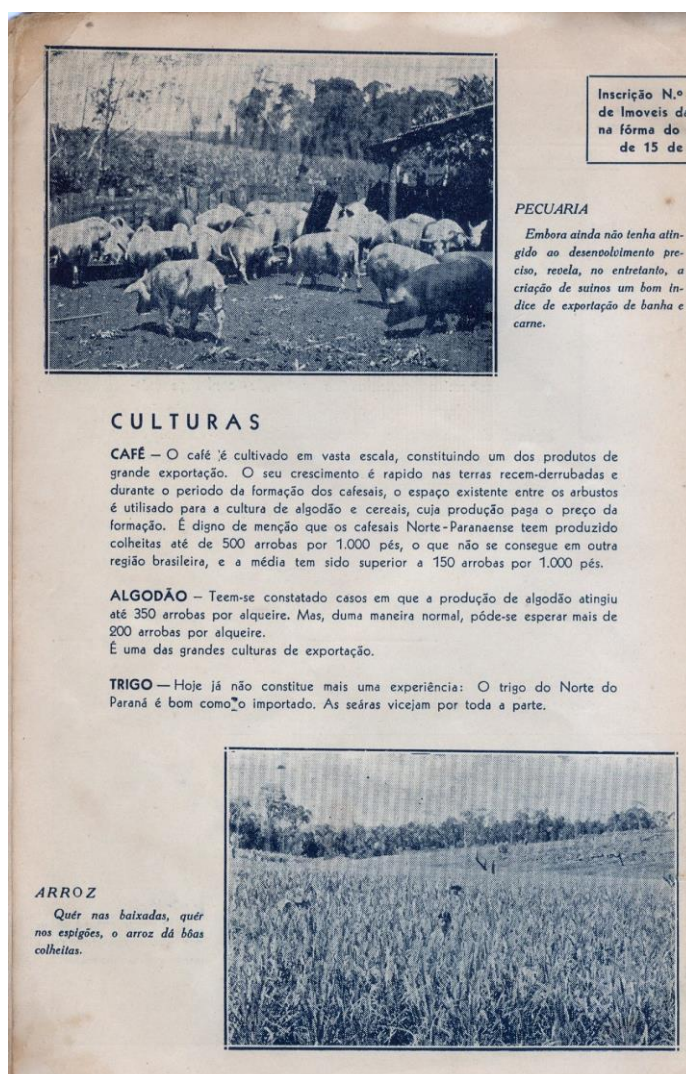
Imagem 04: 3ª página do livreto



Fonte: Museu Histórico de Cambé

Na imagem 05, aparecem duas fotografias: uma de suínos em um cercado e a outra de uma plantação de arroz. Novamente, as culturas do café e do algodão aparecem juntamente ao trigo. Estão, dessa vez, como aporte do rápido crescimento e produção das matas recém-derrubadas que já foram lucros e, nessas terras, a produção por hectares é superior, além de serem culturas de exportação. Essa ligação com o exterior aparece na cultura do trigo que é igualado ao importado em relação a sua qualidade. Os suínos também representam no folheto a exportação de banha e carne.

Imagem 05: 4ª página do livreto



Fonte: Museu Histórico de Cambé

A imagem 06 continua com as mais diversas formas de trabalho e ganhos com a terra. Aparecem pioneiros da região em duas fotografias. Na primeira, uma

mulher e três crianças em meio a plantação de tabaco, com uma legenda que se conecta à industrialização do produto.


A segunda imagem evidencia a riqueza que vem da extração e comercialização da madeira. Aparece, em primeiro plano, o caminhão contendo troncos de árvores, quatro homens e, ao fundo, a mata. Dá a ideia, portanto, da oferta de uma possibilidade de riqueza àqueles que tiverem o espírito aventureiro, empreendedor e vontade de trabalhar. Assim, tais imagens revalidam o discurso da CTNP. No texto, é evidenciada uma prática das regras da policultura, entre cana-de-açúcar, tabaco, arroz e frutas. Outro destaque é para pecuária, que está entre os produtos de exportação.

As madeiras são exaltadas como uma forma do proprietário da terra, ao desmatar, efetuar a venda da madeira e pagar parte da sua dívida contraída na compra da terra.

Imagem 06: 5ª página do livreto

so Registro Geral
marca de Londrina
eto-Lei N.º 3079
mbro de 1938.


TABACO
As plantações de tabaco são também muito promissoras para serem "industrializadas".



POLICULTURA – Destacam-se, ainda, entre outras, as seguintes culturas que produzem ótimas colheitas: Arroz, Feijão, Cana de Açúcar, Tabaco de fina qualidade, Alfafa, Mamona, etc. Frutas, principalmente laranjas, bananas e uvas são também produzidas exuberantemente.

PECUARIA – Como consequência lógica da super-abundância de cereais, legumes, e ainda da salubridade do clima e facilidade de formação de pastagens, bem como da boa água, a criação de gado vacum e suino desenvolveu-se muito. As cifras de exportação pela estrada de ferro demonstram aumentos surpreendentes.

MADEIRAS – Dada a abundância de madeiras, mormente cedro e peroba, esta indústria extrativa e da serraria, tomou um vulto verdadeiramente assombroso. 50 serrarias funcionam em terras da Companhia. A exportação em tóras também prossegue em ritmo acelerado, melhorando sempre a perspectiva do agricultor pagar uma boa parte de sua compra de terras com a renda resultante da venda de madeiras e ainda com a vantagem do terreno ficar limpo e pronto para sementeiros ou plantações.



MADEIRAS
O Norte do Paraná possui uma riqueza incomensurável e inexplorada em madeiras.

Fonte: Museu Histórico de Cambé

A imagem 07 possui apenas uma fotografia de um grupo escolar. Lembrando que a educação e a alfabetização fazem parte do discurso de progresso que se distancia do bárbaro, do atraso. O discurso se inicia apontando o rápido crescimento e progresso da cidade de Londrina e de toda a região. Nessa página, são alinhavadas as palavras Progresso e Eldorado. “[...] todo o Norte do Paraná é um Eldorado, onde não há minas de ouro, mas onde se faz ouro de tudo”. É exaltada a urbanização e, por esse motivo, temos a evidência de ruas e praças que obedecem a um dos “programas urbanísticos inspirados pelas grandes cidades.”.

É colocada em destaque a comodidade igualada as das grandes capitais: água encanada, luz, força de usina hidráulica, hospital, matadouro, grupos escolares, ginásio, igreja, bancos, hotéis, clubes, entre outros. A palavra progresso reaparece ao se referenciar ao avanço da produção agrícola, da indústria e do comércio. A prosperidade e o progresso são expostos em números e cifras, tanto de casas, como população, arrecadação, entre outros.

Imagem 07: 6ª página do livreto




Fonte: Museu Histórico de Cambé

A imagem 08, por fim, revela um discurso em que a fotografia e o texto exaltam a cultura da batata e o transporte de compradores para conhecerem as terras e as formas de pagamento.

Nessa página, aparece a divisão de terras que a Companhia produzia que tem como localização o eixo das suas dimensões e valores: os lotes rurais maiores e as datas urbanas menores. As prestações seriam pagas em até quatro anos e seus preços variavam devido à localização das terras.

Imagem 08: 7ª página do livreto



BATATINHAS
Uma cultura rendosa

TRANSPORTE DE COMPRADORES

Por conta da Companhia de Terras Norte do Paraná correm as despesas de viagem de primeira instalação dos compradores de suas terras, dando passagens gratuitas às respectivas famílias e suas bagagens, de Ourinhos em diante na linha ferrea São Paulo-Paraná.

Procurando possibilitar a compra de suas terras, sejam para grandes ou pequenos sitiantes, chacareiros ou fazendeiros, industriais, etc., estabeleceu a Companhia de Terras Norte do Paraná preços variáveis de acôrdo com a localização, sendo no mínimo 600\$000 por alqueire de 24.200 metros quadrados, pagaveis em prestações assim divididas:

30 % á vista
10 % no fim do 1.º ano
20 % no fim do 2.º ano
20 % no fim do 3.º ano
20 % no fim do 4.º ano

Nas vendas a prestações serão adicionados juros anuais á razão de 8 % sobre o saldo devedor, pagaveis juntamente com as prestações.

Solicitem-se informações detalhadas sobre nossas terras. Atendemos, prazeirosamente, sem compromisso.

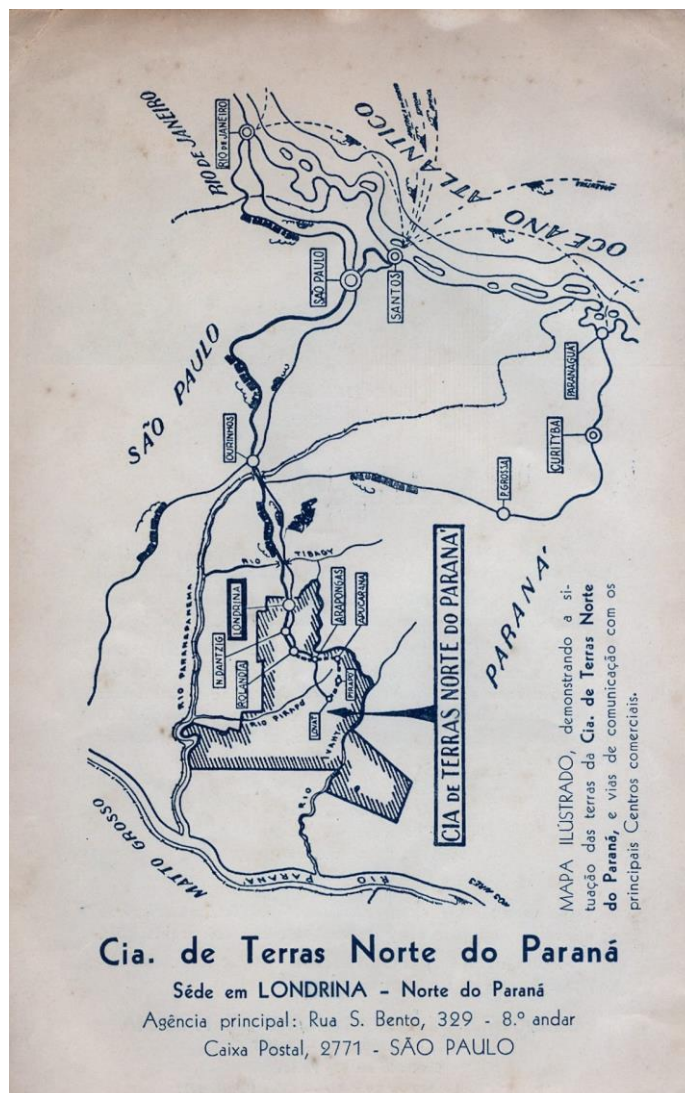
COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ
Séde — LONDRINA — Paraná
Escritorio em São Paulo:
Rua São Bento, 329 — 8.º andar — Caixa Postal, 2771

Fonte: Museu Histórico de Cambé

Em resumo, aparecem 12 imagens em nove páginas. Destas, 11 são fotografias e um mapa. O mapa está localizado na oitava e última página (imagem 09). A localização das terras é evidenciada e há menção a quatro estados: São Paulo, onde aparecem o porto de Santos, evidenciando o ponto de escoamento da produção; Rio de Janeiro, como porto; Mato Grosso; e Paraná, que aparece com as terras da Companhia, um epicentro cortado de onde saem linhas férreas e trens. Aparecem, também, os nomes das cidades fundadas pela Companhia.

Temos uma ideia de cidade com ligação aos grandes centros urbanos do país, reforçado com a legenda. O mapa ilustrado demonstra a situação das terras e as vias de comunicação com os principais centros comerciais.

Imagem 09: 8ª página do livreto



Fonte: Museu Histórico de Cambé

Após essa breve exploração do referido livreto, passemos a explorar as representações sobre o norte do Paraná nas obras de base. O verbo prosperidade aparece em consonância com civilização, crescimento rápido, desenvolvimento, progresso e exportação. Assim, esses são alguns dos elementos do discurso de progresso da região Norte do Paraná.

Com essa passagem em mente, iniciamos o exercício de aproximar o nosso documento primário às bibliografias norte paranaense que abordam as representações em suas obras e, a partir desta, elencar os aspectos levantados, em especial o “progresso”.

Miguel Arias Neto (2008), em seu livro, pontua as representações políticas na cidade de Londrina. Seu período temporal é compreendido entre 1930 a 1975, e sua vertente política se apresenta na sua escrita, mas, nessa mesma escrita, encontramos um autor que não se limita a tal campo.

A propaganda no período entre 1930 e 1975 adquire uma função: legitimar a existência do progresso na região Norte do Paraná. A existência dessas propagandas, segundo Arias Neto (2008, p. 08), expõe as ideias difundidas em especial pelo jornal Paraná Norte. Nas propagandas, podemos perceber mudanças/readaptações do discurso:

Ao mesmo tempo, o documento como um todo representa uma reorientação decisiva da estratégia ideológica da CTNP em termos propagandísticos, uma vez que a propaganda incorpora as imagens da Marcha para Oeste produzido pelo Estado Novo [...].

Percebemos no livreto uma mistura de campo e cidade:

E muito significativo que, quando se fala das razões do progresso, é a cidade e ao planejamento urbano que se refere a propaganda. Ao longo do tempo, campo e cidade vão adquirindo, cada qual, significações específicas: o campo é a terra fértil, local de trabalho, fonte de riqueza; a cidade é sede jurídica, administrativa, planejada urbanisticamente, local de comodidade onde os homens encontram a alegria de viver. (ARIAS NETO, 2008, p.11)

Neste ponto, temos que destacar que o autor chama ao seu texto Monbeig e Claude Lévi-Strauss, e se refere a eles afirmando não haver apologia em seus textos: “[...] ao progresso, mas sim a descrição de uma organização criada por um modelo de colonização moderna.” (ARIAS NETO, 2008, p.14).

Em sua introdução, Miguel Arias Neto diz que “a ideia de progresso constituiu-se uma episteme que, em determinados momentos, pode ser potencializada como ideologia em função de necessidades práticas e imediatas dos grupos dominantes”. Ele (2008, p.17) pontua que a cidade e a região foram palco de lutas econômicas, políticas e ideológicas entre concepções diferentes de progresso ao longo dos anos. Definiram e delimitaram os espaços urbanos e rurais “[...] bem com deixaram impressões na produção escrita e simbólica acerca da cidade, no registro da crônica, da imprensa e da ciência.”.

O autor (2008, p. 15) expõe a transformação que o discurso teve, pois, anteriormente, o discurso nas propagandas era o da fertilidade da terra roxa, adequada a policultura.

Somente anos mais tarde é que o Norte do Paraná e a cidade de Londrina foram identificados ao café, transformando-se assim no Eldorado cafeeiro. Até fins de 1930, o Norte do Paraná era a Terra da Promissão, o paraíso prometido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para aqueles que quisessem nela trabalhar e prosperar.

“Nos primeiros anos, o comércio, a policultura, a industrialização e a exportação de madeira foram os principais negócios da cidade. Em 1936, as estatísticas municipais registram 611 empresas comerciais e indústrias e 3 bancos” (ARIAS NETO, 2008, p 30).

Arias Neto (2008) ressalta que a época da concessão de terras a CTNP, instituiu-se em Curitiba, o Centro Paranista, que possuía nos seus objetivos promover o progresso e a civilização do Estado do Paraná. Tal ideologia sobreviveu à hostilidade do governo 1930, mas permaneceu dentro dos aparelhos ideológicos do Estado e atuou nas configurações ideológicas dos anos 1940 e 1950.

Arias Neto (2008) aponta a interferência do Paranismo em 1935:

[...] até então a propaganda desenvolvida pela CTNP procurava identificá-la ao Norte do Paraná e a cidade de Londrina, a partir da fundação do Paraná Norte, a ideia de Terra da Promissão vai ser elaborada refinadamente de modo a não só promover aquela identificação, mas também a incorporar as imagens veiculadas pelo Paranismo como estratégia de resolução dos problemas ideológicos criados pela “questão curda”.⁵ (ARIAS NETO, 2008, p. 38).

⁵ Esta questão Curda está explicitada em OBERDIEK, Hermann. **Fugindo da morte:** imigração de judeus alemães para Rolândia-Pr, na década de 30. Londrina, EDUEL, 2007. “O governo estadual do Paraná, como tinha interesse que todo o projeto de colonização da CTNP desse certo, entrou como avalista para conseguir a licença. Aliás, não só o governo do Estado (...). A Liga das Nações tinha interesse em alocar aqueles beduínos-assírios em algum lugar, porque estavam sem territórios próprios(...). Naquele Momento, estavam radicados no Iraque, sob proteção inglesa. (...) A Intenção de trazer os beduínos-assírios para o Brasil criou uma oposição na opinião pública, retratada nos jornais de Curitiba e Rio de Janeiro. (...) Os beduínos-assírios objetivamente não emigraram para o Brasil porque a CTNP, sentindo o peso da oposição na opinião pública, desistiu do intento. Comunicaram ao governo do Estado que não os trariam mais, porque havia o risco de causarem graves prejuízos ao projeto de colonização, pois provocariam uma desvalorização sensível das terras circunvizinhas. (p. 145, 148, 150).

Ao alinhamento político, segundo o autor supracitado, deveria seguir a construção de uma representação ideológica que buscasse a legitimação da atuação da Companhia junto às elites paranaenses. Neste alinhamento, temos a propagação da fronteira em expansão e uma marcha do progresso, que também se harmoniza com a marcha da civilização.

Há uma ligação de um discurso, nesse primeiro momento, com o capitalismo internacional e nacional, segundo Arias Neto (2008), sediados em Londres e São Paulo. Existiu um compartilhamento nos interesses entre a Companhia e o governo. Esses interesses tinham como visão o progresso sobre a perspectiva da Terra da Promissão, construindo uma representação calcada em imagens de um Norte do Paraná fértil que, segundo o autor, nada seriam sem a ação dos desbravadores da Companhia. Uma visão em que um empreendimento privado por natureza, atrelado ao capitalismo, com o intuito de levar o progresso econômico e o bem-estar social a estas terras em caráter quase que missionário:

Fertilidade do solo de terra roxa, abundância de madeiras, facilidades para aquisição de pequena propriedade, títulos seguros, igualdade de oportunidades oferecidas a todos os que quiserem trabalhar em harmonia e enriquecer, cidades planejadas, modernas e dinâmicas. São esses os elementos que – inscritos no mapa da imaginação definem os contornos incertos da [...] Terra da Promissão, [...] onde ninguém encontrou até hoje um único mendigo domiciliando em seu seio. (ARIAS NETO, 2008, p.46)

A construção da representação do Eldorado cafeeiro paranaense é apontado por Arias Neto (2008) como um processo que redefiniu político-ideológico e socioeconomicamente. Tal processo ocorre na visão do autor entre os anos de 1937 e 1945, advindo de transformações locais, nacionais e internacionais.

As mudanças têm como base na visão do autor o Estado Novo, que havia sido instaurado em 1937 e, a esse fato, seguem alterações no relacionamento entre a área pública e a área privada, entre CTNP e o Estado, com Londrina. A Companhia buscou legitimidade e alinhamento do seu empreendimento com a ideologia do Estado Novo (ARIAS NETO, 2008). Assim, a propaganda também se redireciona, agora ao processo de expansão de suas atividades em destaque a Marcha para Oeste.

O autor pontua, portanto, nesse segundo momento, o florescer do Eldorado nos panfletos e o silêncio referente à Terra da Promissão.

De fato, a menção do Eldorado não é casual e revela a incorporação das imagens produzidas por Cassiano Ricardo. Se no Norte do Paraná não havia as minas de ouro descobertas pelos bandeirantes paulistas nos séculos XVII e XVIII, os empreendedores da moderna Marcha para Oeste poderiam transformar, através do trabalho, as riquezas naturais do norte e a fertilidade da terra, em ouro. As imagens da Marcha para Oeste recriam a natureza e os produtos do trabalho da terra. Desta época em diante, os cafeeiros emergem da terra como o ouro que atinge de verde os horizontes [...]. (ARIAS NETO, 2008, p.57)

De fato, a menção do termo Eldorado não é casual no livreto analisado. A representação de progresso se deslocou de Terra da Promissão e sua figura de homem Norte paranaense desbravador para Eldorado, ganhando novas características e, inclusive, engendrou a ascensão da figura do pioneiro do Eldorado Cafeeiro, uma construção ligando este ao Bandeirante e ao jesuíta. Este eixo do discurso de progresso alinha-se à ocupação do território e suas potencialidades (ARIAS NETO, 2008).

Dessa forma, entendemos a ausência, percebida no livreto de 1941, do termo Terra da Promissão: é uma tentativa de caracterizar a região e seu progresso sobre outra perspectiva, a do Eldorado em que o pioneiro e sua Marcha para Oeste estão presentes. Porém, o discurso relevo, clima e solo fértil ainda aparecem com evidência.

Temos no livreto, a cada leitura, uma certeza que há um discurso impregnado: o Progresso. Nelson Dácio Tomazi, ao escrever “Norte do Paraná: História e fantasmagorias”, expõe uma visão sobre o discurso de progresso. Tal visão vem desmistificar alguns pontos e sua análise possui uma base interpretativa marxista. Ela aponta que o discurso possui, entre seus componentes básicos, terra de trabalho, de progresso, civilização, terra vermelha, roxa, fertilíssima, pioneiros etc.

[...] a ideia de trabalho é tomada em seu sentido amplo e homogeneizador, procurando silenciar as contradições envolvidas na esfera do trabalho, procurando apenas reforçar a ideia de que quem trabalha, progride. Assim, trabalho e progresso formam um casal harmônico. Esquece-se de acrescentar que muitos trabalham, mas poucos são os que recebem os benefícios do progresso. (TOMAZI, 1997, p. 60)

O referido autor ainda ressalta que o discurso “Norte do Paraná” traz consigo um conjunto de ideias e imagens que fazem uma identificação com algumas ideias basilares: um conjunto de ideias e imagens construído através de vários anos, mas estruturado, principalmente, entre os anos 30 e 50.

[...] progresso, civilização, modernidade, colonização racional, ocupação planejada e pacífica, riqueza, cafeicultura, pequena propriedade, terra onde se trabalha, pioneirismo, terra roxa, enfim, todo, procurando assim criar uma versão, do ponto de vista de quem domina, para o processo da (re)ocupação desta região. Este conjunto de ideias e imagens, que estão presentes na simples enunciação da expressão “Norte do Paraná” é o que poder-se-ia chamar de uma “identidade”.(TOMAZI, 1997, p. 14)

A trajetória da construção do “Norte do Paraná” mais elaborada, para Tomazi (1997, p.15), aparece nas décadas de 1930 e 1950 e traz no seu bojo um ideário mais amplo: o republicano no Brasil.

Se me detenho um pouco na análise do “projeto republicano” no Brasil, que vai encontrar sua maior expressão, na chamada “Primeira República”, é porque ali estão presentes as ideias de ordem, progresso, civilização, racionalidade, etc. que posteriormente serão assumidas por muitos outros discursos e que encontraram ali os germes destas construções.

Para o autor em questão, a construção do projeto de definir uma modernidade para o Brasil é baseada nas ideias de ordem, progresso, civilização, racionalidade, entre outros. A visão republicana de governo revestiu-se obrigatoriamente da noção de progresso.

Assim, o conceito de progresso, para Tomazi (1997), estava presente em todo o pensamento da segunda metade do século XIX, e era a expressão do desenvolvimento do trabalho cuja noção necessitava ser recuperada em decorrência do próprio processo social de produção. Essa visão de progresso estava consubstanciada em:

[...] atitudes concretas como o desenvolvimento da vida urbana, a construção de um sistema ferroviário, a intensificação de transações financeiras e comerciais, além de um controle técnico cada vez maior sobre o processo produtivo e sobre a natureza. Tendo isso por base, foi possível à classe dominante construir uma imagem de si mesma como a classe progressista por excelência. (TOMAZI, 1997, p.15)

Nesse sentido, a representação de progresso que a região Norte do Paraná disseminava estava centrada nessa perspectiva de que há uma elaboração da ideia de evolução histórica como uma lei que determina o caminho da humanidade sempre em direção ao progresso. Tal pensamento, explana Tomazi (1997, p.16), era o suporte do projeto político republicano.

O progresso é visto como crescimento econômico enquanto expansão da economia capitalista em curso. Citando Iraci Galvão Salles (1986, p. 63) o caminhar em direção ao progresso é fundamental para alimentar a crença de que “[...] quanto mais progresso houver mais chances os cidadãos teriam de participar na riqueza e na determinação dos desígnios políticos da nação”.

Apesar de breve, esta incursão permite que se visualize os pontos fundamentais do pensamento que estava presente e que plasmou o processo de (re)ocupação das novas terras para o capital na região em estudo: progresso, modernidade, igualdade de oportunidades, etc. Mas estas ideias não ficam estagnadas no início do século, elas ganham vigor nos anos 30 e muito mais com o Estado Novo. (TOMAZI, 1997, p.16)

Tomazi (1997) reafirma seu raciocínio quando diz que a ideia de progresso estava presente na sociedade desde o século XVIII, associada à de evolução e desenvolvimento. Citando o jornal “O Estado do Paraná”, datado de 16/01/25, Tomazi (1997, p.72) chama a atenção para matéria “A Zona Norte-Paraná”. A partir dessa narrativa, o autor vem com o intuito de evidenciar as ideias progressistas, direcionadas à região: “Incontestavelmente, o Norte do Paraná há de ser, em breves dias, o Eldorado sonhado por Francisco Orelhana, transmudando em searas de ouro todas as sementes que ali foram plantadas.”.

Outra intencionalidade advém da crítica ao livro de Arias Neto, pois, com essa passagem do jornal de 1925, pode-se ler as palavras que Arias Neto aponta como utilizadas em um discurso posterior, início da década de 1940:

Como se pode perceber, os elementos essenciais daquilo que se continuará a falar, por mais de 70 anos, já estavam presentes nestes excertos: o abandono das terras, a ideia de sertão aonde ninguém quer ir, terras fabulosas e fertilíssimas, riqueza, progresso e a obra civilizadora desenvolvida por pioneiros, além da ideia da construção do futuro, na possibilidade de se encontrar, finalmente, o El Dorado. Aliando-se à formulação anterior de **nosso progresso** e **nossa**

riqueza, desde então, procura-se dar a ideia de que havia algo comum a todos os que viviam no Paraná. (TOMAZI, 1997, p.181)

Dessa forma, essa segunda bibliografia afirma que, ao analisar a bibliografia e a documentação levantada para seu estudo, houve a constatação de que a trajetória da construção “Norte do Paraná” é encontrada desde os últimos anos do século passado, anterior ao que propaga alguns autores.

Mas Tomazi faz a ressalva de que as construções mais elaboradas sobre a região aparecem na década de 1930 e 1950, e que ainda trazem, no seu repertório, um ideário mais amplo: o republicano no Brasil. Em específico, a Primeira República, em que estão presentes as ideias de ordem, progresso, civilização, racionalidade, etc. Tais ideias serão posteriormente assumidas por muitos outros discursos, incluindo o discurso Norte do Paraná, que encontra aí as origens da sua construção.

Sônia Maria Sperandio Lopes Adum, com a terceira bibliografia intitulada: “Imagens do progresso: Civilização e barbárie em Londrina – 1930 / 1960”, analisa o progresso sobre a ótica das lutas cotidianas dos populares e, portanto, da face amarga do progresso. Segundo a autora:

Pensar-se-á Londrina - “Pequena Londres” –, enquanto cidade construída dentro de uma nova distribuição do espaço – que supunha um novo modo de vida –, e como resultado de um projeto racional prévio, que pretendia organizar e moldar homens, tanto no presente, como no futuro, também sonhado de forma planejada em função das exigências ligadas à expansão do capital no Brasil e, mais especificamente, do capital imobiliário inglês. Para a concretização do projeto constatar-se-á a exigência de uma máxima concentração do poder nas mãos dos agentes que lideraram o processo. Este poder se mascara ideologicamente com a ideia de “Progresso” que tem como eixo a noção de “ordem”, mais especificamente, aquela que emana da ideologia burguesa (ADUM, 1991, p.77).

Citando Marilena Chauí (1982), Adum (1991, p.77) expõe a ideologia burguesa, assinalando que ela tende a explicar a história através da ideia de progresso:

Como a burguesia se vê a si mesma como uma força progressista, porque usa as técnicas e as ciências para um aumento total do controle sobre a Natureza e a sociedade, considera que todo o real se explica em termos de progresso. O historiador ideólogo constrói a ideia do progresso histórico concebendo-o como a realização, no tempo, de algo que já existia antes de forma embrionária e que se

desenvolve até alcançar seu ponto final necessário. (...) Com isto, os homens se tornam instrumentos ou meios para a história realizar seus fins próprios e são justificadas todas as ações que se realizam em nome do progresso.

Por esta perspectiva, a autora questiona a visão de progresso e aponta que o que se processa é, na verdade, uma “moralização”, que possuía como ideia principal a formação de uma nova figura do trabalhador. O momento histórico que se insere essa construção é “[...] marcado por intensas transformações no quadro sociopolítico-econômico brasileiro, especialmente, no projeto de captação das massas populares através da política urbana de intervenção estatal”. (ADUM, 1991, p.77)

E essa leitura da história a contrapelo, que aqui se busca, e que tem como eixo central a investigação do jogo dialético entre civilização e barbárie como caracterização do progresso. Por ora, tentou-se captar como essa dualidade se manifesta na tentativa de efetivar a ordem sonhada que se traduz, em uma desordenação do espaço natural, desde que adote-se um ponto de vista fundamentado em uma outra lógica. (ADUM, 1991, p.93)

A caracterização do progresso, segundo a autora, se desdobra em uma “história sem problemas”, “história limpa”, em que o engrandecimento da região narra uma trajetória racional de vitórias a caminho da “civilização”. Sendo que, na perspectiva liberal burguesa da história, encontram-se tais elementos de sustentação: “[...] a livre iniciativa, a garantia do direito de propriedade, o estímulo do lucro, o espírito público da empresa privada, o caráter civilizatório e progressista da burguesia, o pioneiro [...]” (ADUM, 1991, p.155).

Assim, ao final dessa explanação produzida por Adum (1991), percebemos três visões sobre o progresso na região Norte do Paraná. Todos os elementos elencados pelos autores são facilmente percebidos no livreto. Dessa forma, concluímos que tais visões de progresso, mesmo cada qual dentro da sua linha de pesquisa, complementam-se de tal maneira que a análise do livreto não seria possível sem as três obras e, além disso, abre para debate uma questão tão complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização do Norte do Paraná produziu um discurso que legitimou a atuação da CTNP. Esse discurso não se restringiu aos anos de atuação desse empreendimento. Abrangemos uma bibliografia posterior a tal investimento capitalista que revela ao leitor a postura dos seus autores.

Esse trabalho teve ênfase na história regional e a sua relação com um documento histórico – o livreto – e a consequência da representação nas bibliografias posteriores. Dessa forma, foram analisadas obras de três autores que, em seus textos, nos proporcionaram visões que em alguns pontos são antagônicas e em outros se alinham.

Autores com influências marxistas, história cultural e política foram ao longo dos anos sendo seduzidos pelo tema. Apontar uma perspectiva da historiografia que se aproxime da realidade vivenciada é restringir, a nosso ver, as possibilidades de uma leitura e análise da documentação ampla.

A ideia explícita de progresso desenvolve-se entre o nascimento da imprensa no século XV e a Revolução Francesa, mas, no Norte do Paraná, esse termo, ao ser apropriado pela sociedade segundo suas concepções, foram vividas e analisadas de diferentes formas.

Seguindo o raciocínio de Arias Neto, que pontua duas concepções de Progresso, este teria agido em esferas distintas da vida econômica e social da sociedade Londrinense, em destaque o início da década de 1940. Essa representação da CTNP como um agente ativo no processo de modernidade, um símbolo da inovação da região Norte do Paraná, foi alimentado e disseminado pelo jornal Paraná Norte. Temos, nessa etapa, as ideias sobre o progresso ligadas à fertilidade da terra, a estrada de ferro e as de boa rodagem, a água e o perímetro urbano planejado urbanisticamente, local de comodidade. Tais elementos se apresentam como uma analogia à Terra da Promissão.

O progresso no norte paranaense sofre uma alteração de perspectiva, segundo o autor, entre 1937 e 1945, e passa a ser conhecido e propagado como o Eldorado, no início da década de 1940. Assim, há o alinhamento político-econômico ao Estado Novo, ao Paranismo. Em 1935, essa nova influência no discurso de progresso proporciona uma nova construção de representação ideológica que buscava a legitimação da atuação da Companhia junto às elites paranaenses. Nesse

alinhamento, temos a propagação da fronteira em expansão, uma marcha do progresso que também se harmoniza com a marcha da civilização, em destaque a Marcha para Oeste e a criação da cidade de Maringá.

A visão de progresso sobre a perspectiva da Terra da Promissão, construindo uma representação calcada em imagens de um Norte do Paraná fértil, desloca-se para o Eldorado nos panfletos e, assim, emerge um silêncio referente à Terra da Promissão. Com o progresso alinhado ao Eldorado, este ganha novas características, inclusive engendrou a ascensão da figura do pioneiro do Eldorado Cafeeiro, uma construção ligando este ao Bandeirante e ao jesuíta.

A trajetória da construção do “Norte do Paraná” mais elaborada, para Tomazi (1997), aparece na década de 1930 e 1950, e traz no seu bojo um ideário mais amplo: o republicano no Brasil. Há uma crítica contundente desse autor a Arias Neto em relação ao uso do termo Eldorado, pois, para ele, o termo já era utilizado ao se referir a região desde meados dos anos 20 do século passado, e não posterior aos anos 40, como afirma Arias Neto.

Para Tomazi (1997), essa construção das ideias de progresso estava conectada ao projeto do governo republicano de se definir uma modernidade para o Brasil baseada nas ideias de ordem, progresso, civilização, racionalidade, entre outros. Tal visão revestiu-se obrigatoriamente da noção de progresso.

Com o discurso de desenvolvimento da vida urbana, a construção de um sistema ferroviário, a intensificação de transações financeiras e comerciais, além de um controle técnico cada vez maior sobre o processo produtivo e sobre a natureza, o progresso traz a base onde se construiu uma imagem da classe dominante, por si e para si mesma, como a classe progressista por excelência.

Nesse sentido, a representação de progresso que a região Norte do Paraná disseminava na visão de cunho marxista do autor, que se pauta em vários autores para expor este conceito, estava centrada na ideia de evolução histórica como uma lei que determina o caminho da humanidade sempre em direção ao progresso. Portanto, a ideia de trabalho é tomada em seu sentido amplo e homogeneizador, procurando silenciar as contradições envolvidas na esfera do trabalho e apenas reforçar a ideia de que quem trabalha, progride.

Uma das críticas desse autor vem da fantasmagoria em que trabalho e progresso formam um casal harmônico, esquecendo-se de acrescentar que muitos trabalham, mas poucos são os que recebem os benefícios do progresso.

Ao terceiro ponto temos a visão de Adum sobre o progresso. A autora revela, em seu texto, as imagens do progresso na ótica das lutas cotidianas dos populares e, portanto, da face amarga do progresso.

Com uma análise de cunho social, ela pontua a existência de um poder que se mascara ideologicamente com a ideia de “Progresso”, onde tem-se como eixo a noção de “ordem”, mais especificamente, aquela que emana da ideologia burguesa. A crítica da autora sobre o tema está na concretização do projeto racional prévio, que se constata a exigência de uma máxima concentração do poder nas mãos dos agentes que lideraram o processo, de forma planejada em função das exigências ligadas à expansão do capital no Brasil e, mais especificamente, do capital imobiliário inglês.

A ideologia burguesa, apontada pela autora, explica a história através da ideia de progresso. Com isso, os homens tornam-se instrumentos ou meios para a história realizar seus fins próprios e todas as ações realizadas são justificadas em nome do progresso.

Por essa perspectiva, a autora além de questionar a visão de progresso, aponta que o que se processa é, na verdade, uma “moralização”, que possuía como ideia principal a formação de uma nova figura do trabalhador. Adota-se, portanto, um ponto de vista sobre o progresso fundamentado em outra lógica. O progresso faz parte de uma trajetória racional de vitórias a caminho da “civilização”.

Nessa perspectiva liberal burguesa, a autora localiza como elementos de sustentação: a livre iniciativa, a garantia do direito de propriedade, o estímulo do lucro, o espírito público da empresa privada, o caráter civilizatório e progressista da burguesia e o pioneiro.

Apresentamos, ao final desse estudo, as várias visões de progresso e suas diferenças, em Tomazi, Arias Neto e Adum, sobre o discurso de matriz intelectual marxista, social ou política. Eles apresentam, em seus estudos, uma análise do discurso de progresso, híbrido, presente no panfleto da CTNP e em outros documentos, principalmente nas décadas de 1930 a 1940.

O espírito moderno que percorre a história dessa região Norte Paranaense associa-se, decididamente, a um espírito histórico acorrentado a uma ideia rio: o progresso. As bibliografias sobre o tema revelam como essa ideia se adaptou e se alinhou, ao longo das décadas, ao seu presente, ao seu contexto social, ao seu

contexto político e econômico, revelando seu aspecto que mais se destaca: a flexibilidade.

A busca de um mundo melhor, qualidade de vida e oportunidades é o cerne do discurso, que se utiliza do termo progresso e arrebatada, ao longo dos anos, homens e mulheres de letras e homens comuns a viverem experiências, que são responsáveis por produzirem histórias e Histórias.

REFERÊNCIAS

Fonte:

O NORTE DO PARANÁ. Companhia de Terras Norte do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: Agosto de 1941.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. **O Objeto em Fuga**: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras (Campo Grande)*, v. 10/17, p. 55-67, 2008. Disponível em: http://tomate-cabacinha/wendelloliveirauscj/Documentos/Livros/ALBUQUERQUE+J*c3*9aNOR*2c+Durval+Muniz/Identities+e+espa*c3*a7os/objeto_em_fuga,45300724.pdf
Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

ADUM, Sônia Maria e Lopes. **Imagens do progresso**: barbárie e civilização (1930-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

AMADO, Janaina. **Região, Sertão, Nação**. In: *Estudos históricos*. V 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre a História e a memória. Bauru: Edusc, 1997.

BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. BASSANEZI, Carla Pinsky (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BARROS, José D' Assunção. **O lugar da história local**. In: BARROS, José D' Assunção. *A expansão da História*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas**: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARVALHO, José M. **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUPAS, G. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia**. São Paulo, UNESP, 2006.

GRATÃO, Juliana. **Memória guardada em álbuns**: os retratos de família como fonte documental para a história. In: Fragmentos de cultura, Goiânia, v.15, n.12, p.1835-1854, 2005.

LE GOFF, Jacques, e NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978, v. 1, pp. 11-2.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira; ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. **Funda-se um jornal, instala-se um município**: a cidade de Londrina através do jornal Paraná-Norte 1934-1936. XIII Encontro Estadual de História – ANPUH – Londrina, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1957.

LUCA, Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-154.

MENDONÇA, Dafne. Marques de. **Plantando Cidades**: um panorama sobre a ocupação da região pioneira e a atuação das Companhias Colonizadoras. In: XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo - A Construção da Cidade e do Urbanismo: ideias tem lugar?, 2010, Vitória/ES. Anais do XI SHCU: A Construção da Cidade e do Urbanismo: ideias tem lugar?. Vitória: Editora da UFES, 2010. Disponível em: <http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1305/1279>. Acesso em: 23 de janeiro de 2016.

OBERDIEK, Hermann. **Fugindo da morte**: imigração de judeus alemães para Rolândia-Pr, na década de 30. Londrina: EDUEL, 2007

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. Em **Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan/mar. 1994.

PINSKY, Carla B. (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada**. São Paulo : Hucitec, 1986.

SANTOS, C. R. . **Terra fértil, ouro verde**: os panfletos de propaganda da CNTP-1930-1950. In: VII Seminário de Pesquisa em Ciência Humanas - SEPECH, 2008, LONDRINA. Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: EDUEL, 2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; LINHARES, Maria Yedda L. **Região e história agrária**. In: Estudos Históricos, 15, Janeiro-Junho, 1995 (Cpdoc/FGV).

SOCHODOLAK, Hélio. **História, regiões e narrativa trágica**. In: Regiões, imigrações, identidades. Ponta Grossa, PR: ANPUH-PR, 2011.

STECA, Lucinéia C, e FLORES, Mariléia d. **O Norte pioneiro**. In: História do Paraná. Londrina: EDUEL, 2002.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Certeza de lucro e direito à propriedade**: o mito da Companhia de Terras do Norte do Paraná. 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1982.

_____. **Norte do Paraná**: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.